OS ENSINAMENTOS SECRETOS DE TODAS AS ÉPOCAS

Manly P. Hall

UM ESBOÇO ENCICLOPÉDICO DA
FILOSOFIA SIMBÓLICA MAÇÔNICA,
HERMÉTICA, CABALÍSTICA E ROSACRUZ



ELIZEU ANTONIO DE SOUZA

OS ENSINAMENTOS SECRETOS DE TODAS AS ÉPOCAS

OS ENSINAMENTOS SECRETOS DE TODAS AS ÉPOCAS

UM ESBOÇO ENCICLOPÉDICO DA FILOSOFIA SIMBÓLICA MAÇÔNICA, HERMÉTICA, CABALÍSTICA E ROSACRUZ

Ser uma Interpretação dos Ensinamentos Secretos escondidos nos Rituais, Alegorias e Mistérios de todas as Épocas

Por

Manly P. Hall

Tradução Portugues
Elizeu Antonio de Souza
Library Digital Pantheon

Edição em Portugues

1º Edição 2024



SÃO FRANCISCO IMPRESSO
MANLY P. HALL

POR H.S. CROCKER COMPANY, INCORPORADA
MCMXXVIII

[1928]

Este livro é dedicado
à Alma Racional do Mundo

PREFÁCIO

VOLUMES NUMEROSOS FORAM ESCRITOS como comentários sobre os sistemas secretos de filosofia existentes no mundo antigo, mas as verdades eternas da vida, como muitos dos maiores pensadores da Terra, geralmente foram revestidas de roupas surradas. O presente trabalho é uma tentativa de fornecer um tomo digno daqueles videntes e sábios cujos pensamentos são a substância de suas páginas. Realizar essa coalescência de Beleza e Verdade tem se mostrado muito custoso, mas acredito que o resultado produzirá um efeito na mente do leitor que mais do que justificará o gasto.

O trabalho sobre o texto deste volume foi iniciado no primeiro dia de janeiro de 1926, e continuou quase ininterruptamente por mais de dois anos. A maior parte do trabalho de pesquisa, no entanto, foi realizada antes da redação do manuscrito. A coleta de material de referência foi iniciada em 1921 e, três anos depois, os planos para o livro tomaram forma definitiva. Por uma questão de clareza, todas as notas de rodapé foram eliminadas, sendo as várias citações e referências a outros autores incorporadas no texto em sua ordem lógica. A bibe-liografia é anexada principalmente para auxiliar os interessados em selecionar para estudo futuro os itens mais confiáveis e importantes que tratam de filosofia e simbolismo. Para tornar facilmente acessível a informação abstrusa contida no livro, um elaborado índice cruzado tópico é incluído.

Não afirmo nem a infalibilidade nem a originalidade de qualquer afirmação aqui contida. Estudei os escritos fragmentários dos antigos o suficiente para perceber que enunciados dogmáticos sobre seus princípios são piores do que temerários. O tradicionalismo é a maldição da filosofia moderna, particularmente a das escolas europeias. Embora muitas das afirmações contidas neste tratado possam parecer a princípio extremamente fantásticas, eu sinceramente me esforcei para evitar especulações metafísicas aleatórias, apresentando o material tanto quanto possível no espírito e não na letra dos autores originais. Ao assumir a responsabilidade apenas pelos erros que possam aparecer aqui, espero escapar à acusação de plágio que tem sido dirigida contra quase todos os escritores sobre o tema da filosofia mística. Não tendo nenhum *particular* a promulgar, não tentei distorcer os escritos originais para fundamentar noções preconcebidas, nem distorci doutrinas em qualquer esforço para conciliar as diferenças irreconciliáveis presentes nos vários sistemas de pensamento religiofilosófico.

Toda a teoria do livro é diametralmente oposta ao método moderno de pensar, pois se trata de assuntos abertamente ridicularizados pelos sofistas do século XX. Seu verdadeiro propósito é introduzir a mente do leitor a uma hipótese de viver totalmente além do pálido da teologia, filosofia ou ciência materialistas. A massa de material abstruso entre suas capas não é suscetível de perfeita organização, mas na medida do possível tópicos relacionados foram agrupados.

Rica como a língua inglesa é nos meios de expressão, ela é curiosamente carente de termos adequados à transmissão de premissas filosóficas abstratas. Uma certa compreensão intuitiva dos significados mais sutis escondidos em grupos de palavras inadequadas é necessária, portanto, para uma compreensão dos antigos Ensinamentos do Mistério.

Embora a maioria dos itens da bibliografia esteja em minha própria biblioteca, gostaria de agradecer a assistência prestada pelas Bibliotecas Públicas de São Francisco e Los Angeles, as bibliotecas do Rito Escocês em São Francisco e Los Angeles, as bibliotecas da Universidade da Califórnia em Berkeley e Los Angeles, o Mechanics' Li- brary em São Francisco, e a Krotona Theosophical Library em Ojai, Califórnia. O reconhecimento especial por sua ajuda também é devido às seguintes pessoas: Sra. Max Heindel, Sra. Alice Palmer Henderson, Sr. Ernest Dawson e equipe, Sr. John Howell, Sr. Paul Elder, Sr. Phillip Watson Hackett e Sr. John R. Ruckstell. Livros individuais foram emprestados por outras pessoas e organizações, a quem também são dados agradecimentos.

A questão da tradução foi a maior tarefa individual no trabalho de pesquisa incidente para a elaboração deste volume. As traduções alemãs necessárias, que exigiram quase três anos, foram generosamente realizadas pelo Sr. Alfred Beri, que recusou toda a remuneração por seu trabalho. As traduções latina, italiana, francesa e espanhola foram feitas pelo Prof. Homer P. Earle. O texto hebraico foi editado pelo rabino Jacob M. Alkow. Diversas traduções curtas e checagem também foram feitas por várias pessoas.

O trabalho editorial estava sob a supervisão do Dr. C. B. Rowlingson, através de cujos esforços hábeis a ordem literária era muitas vezes trazida para fora do caos literário. Reconhecimento especial também é devido aos serviços prestados pelo Sr. Robert B. Tummonds, da equipe da H. S. Crocker Company, Inc., a quem foram atribuídas as dificuldades técnicas de encaixar a matéria textual em seu espaço atribuído. Por grande parte do encanto literário da obra, também estou em dívida com o Sr. M. M. Saxton, a quem todo o manuscrito foi ditado pela primeira vez e a quem também foi confiada a preparação do índice. Os esplêndidos esforços do Sr. J. Augustus Knapp, o ilustrador, resultaram em uma série de placas coloridas que acrescentam materialmente à beleza e completude do trabalho. P A impressão do livro estava nas mãos do Sr. Frederico
E. Keast, da H. S. Crocker Company, Inc., cujo grande interesse pessoal no volume foi manifestado por um esforço incansável para melhorar a qualidade do mesmo Através da cooperação graciosa do Dr. John Henry Nash, o principal designer de impressão no continente americano, o livro aparece de forma única e apropriada, incorporando os melhores ele- mentos do ofício da impressora. Um aumento no número de chapas e também uma qualidade de acabamento mais fina do que foi inicialmente contemplada foram possíveis pelo Sr. C. E. Benson, da Los Angeles Engraving Company, que entrou de corpo e alma na produção deste volume.

A venda pré-publicação deste livro não tem precedentes conhecidos na história do livro. A lista de assinaturas da primeira edição de 550 exemplares foi totalmente fechada um ano antes de o manuscrito ser colocado nas mãos da gráfica. A segunda edição, ou Rei Salomão, consistindo de 550 cópias, e a terceira, ou edição Teosófica, consistindo de 200 cópias, foram vendidas antes que o volume acabado fosse recebido da impressora. Para uma produção tão ambiciosa, isso constitui uma conquista única. O crédito por este extraordinário programa de vendas pertence à Sra. Maud F. Galigher, que tinha como ideal não vender o livro no

sentido comercial da palavra, mas colocá-la nas mãos daqueles particularmente interessados no assunto que ela contém. Valiosa ajuda a esse respeito também foi prestada por amigos numeros que haviam assistido às minhas palestras e que, sem remuneração, empreenderam e realizaram com sucesso a distribuição do livro.

Em conclusão, o autor agradece sua dívida com cada uma das centenas de assinantes por meio de cujos pagamentos antecipados a publicação deste fólio foi possível. Assumir a enorme despesa envolvida estava totalmente além de seus meios individuais e aqueles que investiram no volume não tinham nenhuma garantia de sua produção e nenhuma segurança além de sua fé na integridade do escritor.

Espero sinceramente que cada leitor se beneficie da leitura deste livro, mesmo que eu tenha lucrado com a escrita dele. Os anos de trabalho e pensamento despendidos nela significaram muito para mim. O trabalho de pesquisa me descobriu muitas grandes verdades; a escrita dele descobriu-me as leis da ordem e da paciência; a impressão dele me descobriu novas maravilhas das artes e ofícios; e toda a empreitada me descobriu uma multidão de amigos que, de outra forma, eu nunca teria conhecido. E assim, nas palavras de John Bunyan:

Eu escrevi
Isso, até que finalmente aconteceu,
Em comprimento e largura, a grandeza que você vê.

.

Manly P. Hall.

Los Angeles (Califórnia)
28 de maio de 1928

Índice

PREFÁCIO 11

INTRODUÇÃO 17

OS ANTIGOS MISTÉRIOS E SOCIEDADES SECRETAS QUE INFLUENCIARAM O SIMBOLISMO MAÇÔNICO MODERNO 42

Sistemas antigos de educação – Celso sobre os cristãos – Conhecimento necessário para viver corretamente – Os mistérios druídicos da Grã-Bretanha e da Gália – Os ritos de Mitra – Os mistérios mitraicos e cristãos contrastados.

OS ANTIGOS MISTÉRIOS E SOCIEDADES SECRETAS, PARTE II 55

Os Mistérios Gnósticos – Simão Mago e Basílides – Abraxas, o conceito gnóstico de Deidade – Os Mistérios de Serafim – Simbolismo labiríntico – Os Mistérios Odinicos ou Góticos.

OS ANTIGOS MISTÉRIOS E SOCIEDADES SECRETAS, PARTE III 68

Os Mistérios Eleusinos – Os Ritos Menores – Os Ritos Maiores – Os Mistérios Órficos – Os Mistérios Báquicos – Os Mistérios Dionisíacos.

ATLÂNTIDA E OS DEUSES DA ANTIGUIDADE 80

A Atlântida de Platão à luz da ciência moderna - O Mito do Deus Moribundo - O Rito de Tamuz e Ishtar - Os Mistérios de Atys e Adonis- Os Ritos de Sabázio - Os Mistérios Cabiric de Samotrácia.

A VIDA E OS ESCRITOS DE THOTH HERMES TRISMEGISTUS 93

Suposições sobre a identidade de Hermes – Os fragmentos herméticos mutilados – O Livro de Thoth – Poimandres, A Visão de Hermes – O Mistério da Mente Universal – Os Sete Governadores do Mundo.

A INICIAÇÃO DA PIRÂMIDE 107

A abertura da Grande Pirâmide pelo califa em Mamoun – As passagens e câmaras da Grande Pirâmide – O enigma da Esfinge – Os mistérios da pirâmide – O segredo do cofre da pirâmide – A morada do Deus Oculto.

ÍSIS, A VIRGEM DO MUNDO 119

Os aniversários dos deuses – O assassinato de Osíris – A Ísis Hermética – O símbolos peculiares a Ísis – Os Trovadores – A mumificação dos mortos.

O SOL, UMA DIVINDADE UNIVERSAL 132

A Trindade Solar – O Cristianismo e o Sol – O aniversário do Sol – Os três Sóis – Os habitantes celestes do Sol – O Sol da meia-noite.

O ZODÍACO E SEUS SIGNOS 146

Instrumentos astronômicos primitivos – Os equinócios e solstícios – As

idades astrológicas do mundo – O zodíaco circular de Tentyra – Uma interpretação dos signos zodiacais – O horóscopo do mundo.

A MESA BEMBINE DE ÍSIS 160

A iniciação de Platão na Grande Pirâmide – A história da Mesa Bembine – Teoria platônica das ideias – A interação dos três zodi- acs filosóficos – A filosofia caldeu das tríades – O Ovo Órfico.

MARAVILHAS DA ANTIGUIDADE 175

As lâmpadas sempre acesas – O oráculo de Delfos – O oráculo dodoneano – O oráculo de Trofônio – Os arquitetos iniciados – As Sete Maravilhas do mundo.

A VIDA E A FILOSOFIA DE PITÁGORAS 188

Pitágoras e a Escola de Crotona – Fundamentos pitagóricos – Os sólidos simétricos – Os aforismos simbólicos de Pitágoras – Pitágoras – Astronomia pitagórica – Teoria do universo de Kepler.

MATEMÁTICA PITAGÓRICA 201

A teoria dos números – Os valores numéricos das letras – Método de se- curar o poder numérico das palavras – Uma introdução à teoria pitagórica dos números – A peneira de Eratóstenes – Os significados dos dez números.

O CORPO HUMANO NO SIMBOLISMO 215

O manequim filosófico – Os três centros universais – Os templos da iniciação – A mão no simbolismo – O homem maior e o menor – O Anthropos, ou Oversoul.

A LENDA HIRAMIC 227

A construção do Templo de Salomão – O assassinato de Chiram Abiff – O martírio de Jacques de Molay – O fogo espiritual e a glândula pineal – As andanças do astronômico CHiram – A agulha de Cleópatra e as marcas dos maçons.

A TEORIA PITAGÓRICA DA MÚSICA E DA COR 240

Pitágoras e a escala diatônica – Música terapêutica – A música das esferas – O uso da cor no simbolismo – As cores do espectro e a escala musical – Cores zodiacais e planetárias.

PEIXES, INSETOS, ANIMAIS, RÉPTEIS E AVES 253

Jonas e a baleia – O peixe o símbolo de Cristo – O escaravelho egípcio – A mosca de Júpiter – A serpente da sabedoria – O crocodilo sagrado.

PEIXES, INSETOS, ANIMAIS, RÉPTEIS E AVES, PARTE II 267

A pomba, o emblema yônico – O phœnix auto-renovador – O Grande Selo dos Estados Unidos da América – Bast, a deusa gato dos Ptolomeus – Apis, o touro sagrado – O monoceros, ou unicórnio.

FLORES, PLANTAS, FRUTOS E ÁRVORES 281

A flor, um símbolo fálico – A flor de lótus – A árvore do mundo escandinavo, Yggdrasil – O ramo de acácia – O suco da uva – Os poderes mágicos da mandrágora.

PEDRAS, METAIS E GEMAS 293

Monumentos pré-históricos – As tábuas da Lei – O Santo Graal – As eras do mundo – Joias talismânicas – Pedras e pedras preciosas zodiacais e planetárias.

MAGIA CERIMONIAL E FEITIÇARIA 306

A magia negra do Egito – Doutor Johannes Fausto – O Mefistófo – Os Grimores – A invocação de espíritos – Pactos com demônios – O simbolismo do pentagrama.

OS ELEMENTOS E SEUS HABITANTES 319.

A teoria paracelsiana dos submundanos – As ordens dos seres elementais – Os gnomos, as ondinas, as salamandras e os silfos – Demonologia – O incubus e o súcubo – Vampirismo.

FARMACOLOGIA, QUÍMICA E TERAPÊUTICA HERMÉTICA 333

Os métodos de cura de Paracelso – Palingenesis – Teorias herméticas sobre a causa da doença – Propriedades medicinais das ervas – O uso de drogas nos Mistérios – A seita dos Assassinos.

A CABALA, A DOUTRINA SECRETA DE ISRAEL 346

As leis escritas e não escritas – A origem dos escritos cabalísticos – Rabi Simeão ben Jochai – Os grandes livros cabalísticos – As divisões do sistema cabalístico – O Sepher Yetzirah.

FUNDAMENTOS DA COSMOGONIA CABALÍSTICA AIN SOPH 360

e o Ovo Cósmico – O sistema cabalístico dos mundos – A interpretação cabalística da visão de Ezequiel – A grande imagem do sonho de Nabucodonosor – O Grande Homem do universo – As cinquenta portas da vida.

A ÁRVORE DO SEPHIROTH 372

Os trinta e dois caminhos da sabedoria – A Face Maior e a Menor – A Árvore Sephirothic de Kirch- er – O mistério de Daath – Os três pilares que sustentam a Árvore Sephirothic – As quatro letras do Nome Sagrado.

CHAVES CABALÍSTICAS PARA A CRIAÇÃO DO HOMEM 382

Gematria, Notarikon e Temurah – O Elohim – Os quatro Adams – Tradições árabes sobre Adão – Adão como o arquétipo da humanidade – A Igreja Cristã primitiva sobre o tema do casamento.

UMA ANÁLISE DAS CARTAS DE TARÔ 394

A origem das cartas de baralho – A rota mundi dos rosacruzes – O problema do simbolismo do Tarot – A carta não numerada – O simbolismo dos vinte e um trunfos maiores – As cartas de terno.

O TABERNÁCULO NO DESERTO 409

Moisés, o iniciado egípcio – A construção do Tabernáculo – Os móveis do Tabernáculo – A Arca da Aliança – As vestes da Glória – O Urim e Tumim.

A FRATERNIDADE DA ROSA CRUZ 422

A vida do Padre C.R.C. – Johann Valentin Andreæ – Os ensinamentos alquímicos dos Rosacruzes – Significado da Rosa Cruz – O Templo Rosa-Cruz – Os adeptos da Rosa Cruz.

DOUTRINAS E PRINCÍPIOS ROSACRUZES 436

A *Confessio Fraternitatis* – A Anatomia da Melancolia – *John Heydon sobre o Rosacrucianismo – As três montanhas dos sábios – O ovo filosófico – Os objetos da Ordem Rosacruz.*

QUINZE DIAGRAMAS ROSACRUZES E CABALÍSTICOS 450

Schamayim, o Oceano do Espírito – Os Sete Dias da Criação – O túmulo simbólico de Christian Rosencreutz – As regiões dos elementos – A Nova Jerusalém – O grande segredo da Natureza.

A ALQUIMIA E SEUS EXPOENTES 466

A multiplicação dos metais – A medalha do imperador Leopoldo I – Paracelsus de Hohenheim – Raymond Lully – Nicholas Flarnmel – Conde Bernardo de Treviso.

A TEORIA E A PRÁTICA DA ALQUIMIA 480

A origem da filosofia alquímica – Alexandre, o Grande e as árvores falantes – Natureza e arte – Simbolismo alquímico – A Canção de Salomão – O Ouro do Filósofo.

A TEORIA E A PRÁTICA DA ALQUIMIA, PARTE II 494

A oração alquímica – A Tábua de Esmeralda de Hermes – Uma carta dos Irmãos de R.C. – A mágica Montanha da Lua – Uma fórmula alquímica – O orvalho dos sábios.

AS FIGURAS HERMÉTICAS E ALQUÍMICAS
OF CLAUDIUS DE DOMINICO CELENTANO VALLIS NOVI 508

De um manuscrito escrito e iluminado em Nápoles 1606 d.C.

O CASAMENTO QUÍMICO 537

Christian Rosencreutz é convidado para o Casamento Químico – A *Virgem Lúcifera* – A Inquisição filosófica – A Torre do Olimpo – Os homúnculos – Os Cavaleiros da Pedra de Ouro.

BACON, SHAKSPEARE E OS ROSACRUZES 550

A máscara rosacruz – Vida de William Shakspere – Sir Francis Bacon – As assinaturas acrósticas – O número significativo trinta e três – A morte filosófica.

O CRIPTOGRAMA COMO FATOR NA FILOSOFIA SIMBÓLICA 562

Alfabetos secretos – A cifra biliteral – Cifras pictóricas – Cifras acromáticas – Cifras numéricas e musicais – Cifras de código.

SIMBOLISMO MAÇÔNICO 576

Os pilares levantados pelos filhos de Sete – Enoque e os Arcos Reais – Os Arquitetos Dionisíacos – A Collegia Romana – Salomão, a personificação da Sabedoria Universal – herança inestimável da Maçonaria.

CRISTIANISMO MÍSTICO 589

São Iraneu sobre a vida de Cristo – O nome original de Jesus – O homem cris- tened – Os essênios – O ciclo arturiano – Merlin, o Mago.

A CRUZ E A CRUCIFICAÇÃO 601

A Aurea Legenda – As bibliotecas perdidas de Alexandria – A cruz no simbolismo pagão – A crucificação, uma alegoria cósmica – A crucificação de Quet- zalcoatl – Os pregos da Paixão.

O MISTÉRIO DO APOCALIPSE 616

A cidade sagrada de Éfeso – A autoria do Apocalipse – O Alfa e o Ômega – O Cordeiro de Deus – Os Quatro Cavaleiros – O entorpecente da besta.

A FÉ DO ISLÃ 627

A vida de Maomé – A revelação do Corão – A peregrinação – O túmulo do profeta – A Caaba em Meca – A doutrina secreta do Islã.

SIMBOLISMO INDÍGENA AMERICANO 639

A cerimônia do cachimbo da paz – O histórico Hiawatha – O *Popol Vuh* – A feitiçaria indígena americana – Os Mistérios de Xibalba – O Midewiwin.

OS MISTÉRIOS E SEUS EMISSÁRIOS 651

A Corrente de Ouro de Homero – Hipátia, a neoplatônica alexandrina – O "divino" Cagliostro – O Conde de St.-Germain – O desenho da bandeira americana – A Declaração de Independência.

CONCLUSÃO 663

SOBRE O AUTOR 674

Introdução

FILOSOFIA É A CIÊNCIA de estimar valores. A superioridade de qualquer estado ou substância sobre outro é determinada pela filosofia. Atribuindo uma posição de importância primária ao que resta quando tudo isso é secundário foi removida, a filosofia torna-se assim o verdadeiro índice de prioridade ou ênfase no âmbito do pensamento especulativo. A missão da filosofia a priori é estabelecer a relação das coisas manifestadas com sua causa ou natureza última invisível.

"A filosofia", escreve Sir William Hamilton, "foi definida [como]: A ciência das coisas divinas e humanas, e das causas em que estão contidas [Cícero]; A ciência dos efeitos por suas causas [Hobbes]; A ciência das razões suficientes [Leibnitz]; A ciência das coisas possíveis, na medida em que são possíveis [Wolf]; A ciência das coisas evidentemente deduziu dos primeiros princípios [Descartes]; A ciência das verdades, sensível e abstrata [de Condillac]; A aplicação da razão aos seus objetos legítimos [Tennemann]; A ciência das relações de todo conhecimento com os fins necessários da razão humana [Kant]; A ciência da forma original do ego ou do eu mental [Krug]; A ciência das ciências [Fichte]; A ciência do absoluto [von Schelling]; A ciência da indiferença absoluta do ideal e do real [von Schelling] – ou, A identidade da identidade e da não-identidade [Hegel]." (Veja *Palestras sobre Metafísica e Lógica*.)

Os seis títulos sob os quais as disciplinas de filosofia são comumente classificadas são: *metafísica*, que trata de assuntos abstratos como cosmologia, teologia e a natureza do ser; a *lógica*, que trata das leis que regem o pensamento racional, ou, como tem sido chamada, "a doutrina das falácias"; a *ética,* que é a ciência da moral, da responsabilidade individual e do caráter – preocupada principalmente com um esforço para determinar a natureza do bem; *a psicologia*, que se dedica à investigação e classificação daquelas formas de fenômenos referentes a uma origem mental; *epistemologia*, que é a ciência preocupada principalmente com a natureza do próprio conhecimento e a questão de saber se ele pode existir de forma absoluta, e *a estetica*, que é a ciência da natureza e das reações despertadas pelo belo, pelo harmonioso, pelo elegante e pelo nobre.

Platão considerava a filosofia como o maior bem já transmitido pela Divindade ao homem. No século XX, no entanto, tornou-se uma estrutura pesada e complicada de noções arbitrárias e inconciliáveis – mas cada uma delas fundamentada por uma lógica quase incontestável. Os teoremas elevados da antiga Academia que Jâmblico comparou ao néctar e à ambrosia dos deuses foram tão adulterados pela opinião – que Heráclito declarou ser uma doença da mente – que o hidromel celeste estaria agora completamente irreconhecível para este grande neoplatônico. Uma evidência convincente da crescente superficialidade do pensamento científico e filosófico moderno é sua persistente deriva para o materialismo. Quando o grande astrônomo Laplace foi questionado por Napoleão por que não havia mencionado Deus em seu *Traité de la Mécanique Céleste,* o matemático ingenuamente respondeu: "Senhor, eu não tinha necessidade dessa hipótese!"

Em seu tratado sobre o ateísmo, Sir Francis Bacon resume a situação assim: "Um pouco de filosofia inclina a mente do homem para o ateísmo; mas a profundidade na filosofia traz as mentes dos homens para a religião." A Metafísica de Aristóteles abre com estas palavras: "Todos os homens naturalmente desejam saber". Para satisfazer esse impulso comum, o intelecto humano em desenvolvimento explorou as extremidades do espaço imaginável sem e as extremidades do eu imaginável dentro, procurando estimar a relação entre o um e o todo; o efeito e a causa; A Natureza e os fundamentos da Natureza; a mente e a fonte da mente; o espírito e a substância do espírito; a ilusão e a realidade.

Um filósofo antigo disse certa vez: "Aquele que não tem sequer conhecimento das coisas comuns é um bruto entre os homens. Aquele que tem um conhecimento preciso das preocupações humanas é um homem entre os brutos. Mas aquele que sabe tudo o que pode ser conhecido pela energia intelectual, é um Deus entre os homens." O status do homem no mundo natural é determinado, portanto, pela qualidade de seu pensamento. Aquele cuja mente é escravizada aos seus instintos bestiais não é filosoficamente superior ao bruto, aquele cujas faculdades racionais ponderam os assuntos humanos é um homem; e aquele cujo intelecto é elevado à consideração das realidades divinas já é um semideus, pois seu ser participa da luminosidade com que sua razão o aproximou. Em seu encomium da "ciência das ciências", Cícero é levado a exclamar: "Ó filosofia, guia da vida! Ó buscador – por virtude e expulsor de vícios! O que poderíamos nós e todas as épocas dos homens ter sido sem ti? Produziste cidades; chamaste os homens dispersos para o gozo social da vida".

Nesta época, a palavra *filosofia* tem pouco significado a menos que acompanhada de algum outro termo qualificativo. O corpo da filosofia foi dividido em numerosos *ismos* mais ou menos antagônicos, que se preocuparam tanto com o esforço de refutar as falácias uns dos outros que as questões sublimes da ordem divina e do destino humano sofreram deplorável negligência. A função ideal da filosofia é servir como influência estabilizadora no pensamento humano. Em virtude de sua natureza intrínseca, deve impedir o homem de estabelecer códigos de vida irracionais. Os próprios filósofos, no entanto, têm frustrado os fins da filosofia ao excederem em sua lã as mentes não treinadas que deveriam conduzir no caminho reto e estreito do pensamento racional. Listar e clas- cificar qualquer outra senão a mais importante das escolas de filosofia agora reconhecidas está além das limitações de espaço deste volume. A vasta área de especulação coberta pela filosofia será melhor apreciada após uma breve consideração de alguns dos notáveis sistemas de disciplina filosófica que influenciaram o mundo do pensamento durante os últimos vinte e seis séculos. A escola grega de filosofia teve seu início com os sete pensadores imortalizados aos quais foi conferida pela primeira vez a denominação de *Sophos*, "o sábio". De acordo com Diógenes Laércio, estes eram Tales, Sólon, Chilon, Pittacus, Bias, Cleóbulo e Periandro. A água foi concebida por Tales como o princípio ou elemento primordial, sobre o qual a terra flutuava como um navio, e os terremotos eram o resultado de distúrbios neste mar universal. Como Thales era jônico, a escola que perpetuava seus princípios ficou conhecida como jônica. Ele morreu em 546 a.C., e foi sucedido por Anaximandro, que por sua vez foi seguido por Anaxímenes, Anaxágoras e Arquelau, com quem a escola jônica terminou. Anaximandro, diferindo de seu mestre Tales, declarou o infinito sem medida e indefinível como o princípio a partir do qual todas as coisas foram geradas. Anaxímenes

afirmou que o ar era o primeiro elemento do universo; que as almas e até mesmo a própria Divindade eram composto por ele.

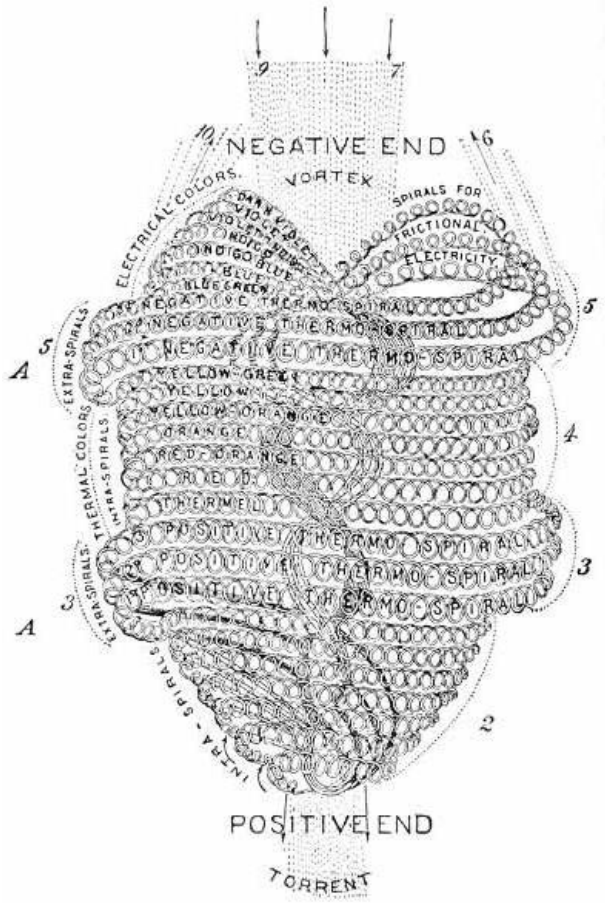
Anaxágoras (cuja doutrina saboreia o atomismo) considerava Deus uma mente infinita que se movia a si mesma; que essa Mente infinita divina, não encerrada em nenhum corpo, é a causa eficiente de todas as coisas; da matéria infinita constituída de partes semelhantes, tudo sendo feito de acordo com sua espécie pela mente divina, que quando todas as coisas estavam a princípio confusamente misturadas, veio e as reduziu à ordem." Arquelau declarou que o princípio de todas as coisas era duplo: a mente (que era incorpórea) e o ar (que era corporal), a rarefação e a condensação desta última resultando em fogo e água, respectivamente. As estrelas foram concebidas por Arquelau para serem lugares de ferro em chamas. Heráclito (que viveu de 536 a 470 a.C. e às vezes é incluído na escola jônica) em sua doutrina de mudança e fluxo eterno afirmou que o fogo era o primeiro elemento e também o estado em que o mundo seria reabsorvido. A alma do mundo ele considerava como uma expiração de suas partes úmidas, e ele declarou que o fluxo e refluxo do mar era causado pelo sol.

Depois de Pitágoras de Samos, seu fundador, a *escola itálica* ou *pitagórica* tem entre seus mais ilustres representantes Empédocles, Epicharmo, Arquitas, Alc-mæon, Hippasus, Philolaus e Eudoxus. Pitágoras (580-500? A.C.) concebia a matemática como a mais sagrada e exata de todas as ciências, e exigia de todos os que o procuravam para estudar uma familiaridade com aritmética, música, astronomia e geometria. Ele deu especial ênfase à *vida filosófica* como pré-requisito para a sabedoria. Pitágoras foi um dos primeiros professores a estabelecer uma comunidade em que todos os membros se ajudavam mutuamente na obtenção comum das ciências superiores. Ele também introduziu a disciplina da retrospecção como essencial para o desenvolvimento da mente espiritual. O pitagorismo pode ser resumido como um sistema de especulação metafísica sobre as relações entre os números e as agências causais da existência. Essa escola também expôs pela primeira vez a teoria dos harmônicos celestiais ou "a música das esferas". João Re- uchlin disse sobre Pitágoras que ele não ensinou nada aos seus discípulos antes da disciplina do silêncio, sendo o silêncio o primeiro rudimento da contemplação. Em seu *Sofista*, Aristóteles credita a Empédocles a descoberta da retórica. Tanto Pitágoras quanto Empédocles aceitaram a teoria da transmigração, este último dizendo: "Um menino que eu fui, então uma empregada se tornou; uma planta, um pássaro, um peixe, e no vasto mar nadava."

Archytas é creditado com a invenção do parafuso e do guindaste. O prazer ele declarou ser uma peste porque se opunha à temperança da mente; considerava um homem sem engano tão raro quanto um peixe sem ossos.

A seita *eleática* foi fundada por Xenófanes (570-480 a.C.), que se destacou por seus ataques às fábulas cosmológicas e teogônicas de Homero e Hesíodo. Xenófanes declarou que Deus era "uno e incorpóreo, em substância e figura redonda, em nada se assemelhava ao homem; que Ele é toda a visão e toda a audição, mas não respira; que Ele é todas as coisas, a mente e a sabedoria, não geram, mas são eternos, intransponíveis, imutáveis e racionais." Os xenófanes acreditavam que todas as coisas existentes eram eternas, que o mundo não tinha começo nem fim, e que tudo o que era gerado estava sujeito à corrupção. Ele viveu até grande idade e dizem ter enterrado seus filhos com suas próprias mãos. Parmênides estudou com Xenófanes, mas nunca inteiramente subscrito

às suas doutrinas. Parmênides declarou que os sentidos eram incertos e a razão o único critério de verdade. Ele primeiro afirmou que a terra era redonda e também dividiu sua superfície em zonas de audição e frio.



ÁTOMO DE BABBITT.

De Babbitt

Princípios de Luz e Cor.

Desde a postulação da teoria atômica por Demócrito, muitos esforços têm sido feitos para determinar a estrutura dos átomos e o método pelo qual eles se unem para formar vários elementos, Mesmo a ciência não se absteve de entrar nesse campo de especulação e apresenta para consid- eração representações mais detalhadas e elaboradas desses minúsculos corpos. De longe, a concepção mais notável do átomo evoluído durante o século passado é aquela produzida pelo gênio do Dr. Edwin D. Babbitt e que é reproduzida com isso. O diagrama é autoexplicativo. Deve-se ter em mente que essa estrutura aparentemente maciça é, na verdade, minúscula para desafiar a análise. O Dr. Babbitt não apenas criou essa forma do átomo, mas também inventou um método pelo qual essas partículas poderiam ser agrupadas de maneira ordenada e, assim, resultar na formação de corpos moleculares.

Melisso, que está incluído na escola eleática, tinha muitas opiniões em comum com Parmênides. Ele declarou que o universo era imóvel porque, ocupando todo o espaço, não havia lugar para onde pudesse ser movido. Ele ainda rejeitou a teoria de um vácuo no espaço. Zenão de Eleia também sustentou que um vácuo não poderia existir. Rejeitando a teoria do movimento, ele afirmou que havia apenas um Deus, que era um Ser eterno e não gerado. Como Xenófanes, ele concebeu a Deidade para ser esférica em forma. Leucipo considerava o Universo composto por duas partes: uma cheia e outra a vácuo. Do Infinito desceu ao vácuo uma série de minúsculos corpos fragmentários, onde, através de agitação contínua, se organizaram em esferas de substância.

O grande Demócrito até certo ponto ampliou a teoria atômica de Leucip-pus. Demócrito declarou que os princípios de todas as coisas eram duplos: átomos e vácuo.

Ambos, afirmou, são infinitos – átomos em número, vácuo em magnitude. Assim, todos os corpos devem ser compostos de átomos ou vácuo. Os átomos possuíam duas propriedades, forma e tamanho, ambas caracterizadas por infinita variedade. A alma Demócrito também concebeu ser atômica em estrutura e sujeita à dissolução com o corpo. A mente que ele acreditava ser composta de átomos espirituais. Aristóteles insinua que Demócrito obteve sua teoria atômica da doutrina pitagórica da *Mônada*. Entre os Eleáticos também estão incluídos Protágoras e Anaxarco.

Sócrates (469-399 a.C.), o fundador da seita *socrática*, sendo fundamentalmente um cético, não forçou suas opiniões sobre os outros, mas por meio de questionamentos fez com que cada homem desse expressão à sua própria filosofia. De acordo com Plutarco, Sócrates considerava cada lugar apropriado para alcançar em que o mundo inteiro era uma escola de virtudes. Ele sustentava que a alma existia antes do corpo e, antes da imersão nele, era dotada de todo o conhecimento; que quando a alma entrou na forma material ficou estupefata, mas que por discursos sobre objetos sensíveis foi levada a despertar e recuperar seu conhecimento original. Nessas premissas baseou-se sua tentativa de estimular o poder da alma por meio da ironia e do raciocínio indutivo. Diz-se de Sócrates que o único sujeito de sua filosofia era o homem. Ele mesmo declarou que a filosofia é o caminho da verdadeira felicidade e seu propósito duplo: (1) contemplar Deus e (2) abstrair a alma do sentido corporal.

Os princípios de todas as coisas que ele concebeu são três em número: *Deus*, *matéria* e *ideias*. De Deus ele disse: "O que Ele é eu não sei; o que Ele não é eu sei".

A matéria ele definiu como sujeito da geração e da corrupção, a ideia, como uma substância incorruptível – o intelecto de Deus. Sabedoria ele considerava a soma das virtudes. Entre os membros proeminentes da seita socrática estavam Xenofonte, Æschines, Críton, Simão, Glau- co, Simmias e Cebes. O professor Zeller, a grande autoridade em filosofias antigas, declarou recentemente que os escritos de Xenofonte relativos a Sócrates eram falsificações. Quando *As Nuvens de Aristófanes,* uma comédia escrita para ridicularizar as teorias de Sócrates, foi apresentada pela primeira vez, o próprio grande cético assistiu à peça. Durante a performance, que o caricaturou sentado em um cesto no alto do ar estudando o sol, Sócrates levantou-se calmamente em seu assento, o melhor para permitir que os espectadores atenienses comparassem suas próprias feições despretensiosas com a máscara grotesca usada pelo ator que se passava por ele.

A seita *Eleana* foi fundada por Fado de Elis, um jovem de família nobre, que foi comprado da escravidão por instigação de Sócrates e que se tornou seu discípulo devoto. Platão admirava tanto a mentalidade de Fédon que nomeou um dos mais famosos de seus discursos de O Fazó. Fédon foi sucedido em sua escola por Plistenes, que por sua vez foi seguido por Menedemus. Das doutrinas da seita eleana pouco se sabe. Presume-se que Menedemus tenha sido inclinado para os ensinamentos de Stilpo e da seita Megariana. Quando as opiniões de Menedemus foram exigidas, ele respondeu que era livre, insinuando assim que a maioria dos homens estava escravizada às suas opiniões. Menedemus era aparentemente de um temperamento um tanto beligerante e muitas vezes retornava de suas palestras em uma condição muito machucada. A mais famosa de suas proposições é afirmada assim: o que não é o mesmo é diferente daquele com o qual não é o mesmo. Admitido esse ponto, Menedemus continuou: Beneficiar não é o mesmo que bom, portanto bom não beneficia. Após o tempo de Menedemo, a seita Eleana tornou-se

conhecido como o Eretriano. Seus expoentes denunciavam todas as proposições negativas e todas as teorias complexas e abstrusas, declarando que somente doutrinas afirmativas e simples poderiam ser verdadeiras. A *seita megariana* foi fundada por Euclides de Mégara (não o célebre matemático), um grande admirador de Sócrates. Os atenienses aprovaram uma lei decretando a morte de qualquer cidadão de Mégara encontrado na cidade de Atenas. Sem se intimidar, Euclides vestiu roupas de mulher e foi à noite estudar com Sócrates. Após a morte cruel de seu mestre, os discípulos de Sócrates, temendo um destino semelhante, fugiram para Mégara, onde foram recebidos com grande honra por Euclides. A escola megariana aceitou a doutrina socrática de que virtude é sabedoria, acrescentando-lhe o conceito eleático de que a bondade é unidade absoluta e tudo muda uma ilusão dos sentidos. Euclides sustentava que o bem não tem oposto e, portanto, o mal não existe. Ao ser questionado sobre a natureza dos deuses, declarou-se ignorante
sua disposição, exceto que odiavam pessoas curiosas.

Os megarianos são ocasionalmente incluídos entre os filósofos dialéticos. Euclides (que morreu em 374? A.C.) foi sucedido em sua escola por Eubulides, entre cujos discípulos estavam Alexino e Apolônio Cronos. Eufâncio, que viveu até grande idade e escreveu muitas tragédias, estava entre os principais seguidores de Eubulides. Diodoro é geralmente incluído na escola Megariana, tendo ouvido Eubulides falar. De acordo com a lenda, Diodoro morreu de tristeza porque não podia responder instantaneamente a certas perguntas feitas por Stilpo, em tempos mestre da escola Megariana. Diodoro sustentava que nada pode ser movido, pois para ser movido deve ser retirado do lugar em que está e colocado no lugar onde não está, o que é impossível porque todas as coisas devem estar sempre nos lugares onde estão.

Os *cínicos* foram uma seita fundada por Antístenes de Atenas (444-365? a.C.), discípulo de Sócrates. Sua doutrina pode ser descrita como um individualismo extremo que considera o homem como existindo apenas para si mesmo e advoga cercando-o pela desarmonia, sofrimento e necessidade mais extrema que pode assim ser levado a retirar-se mais completamente em sua própria natureza. Os cínicos renunciaram a todos os bens mundanos, vivendo nas prateleiras mais rudes e subsistindo com a comida mais grosseira e simples. Partindo do pressuposto de que os deuses nada queriam, os cínicos afirmavam que aqueles cujas necessidades eram menores se aproximavam das divindades. Ao ser questionado sobre o que ganhou com uma vida de filosofia, Antístenes respondeu que havia aprendido a conversar consigo mesmo.

Diógenes de Sinopis é lembrado principalmente pela banheira no Metroum que por muitos anos lhe serviu de lar. O povo de Atenas amava o mendigo-filósofo, e quando um jovem em tom de brincadeira furava buracos na banheira, a cidade presenteou Diógenes com um novo e castigou o jovem. Diógenes acreditava que nada na vida pode ser corretamente cumprido sem exercício. Ele sustentava que tudo no mundo pertence aos sábios, uma declaração que ele provou pela seguinte lógica: "Todas as coisas pertencem aos deuses; os deuses são amigos de pessoas sábias; todas as coisas são comuns entre amigos; portanto, todas as coisas pertencem aos sábios". Entre os cínicos estão Monimus, Onesicritus, Crates, Metrocles, Hipparchia (que se casou com Crates), Menippus e Menedemus.

A seita *cirenaica* , fundada por Aristipo de Cirene (435-356? A.C.), promulgou a doutrina do hedonismo. Sabendo da fama de Sócrates, Aristipo viajou para Atenas e aplicou-se aos ensinamentos do grande cético. Sócrates, afligido pelas tendências voluptuosas e mercenárias de Aristippus, trabalhou em vão para reformar o jovem.

Aristipo tem a distinção de ser consistente em princípio e prática, pois vivia em perfeita harmonia com sua filosofia de que a busca do prazer era o principal propósito da vida. As doutrinas dos cirenaicos podem ser resumidas assim: Tudo o que é realmente conhecido a respeito de qualquer objeto ou condição é o sentimento que ele desperta na própria natureza do homem. Na esfera da ética, aquilo que desperta o sentimento mais agradável é, consequentemente, ser estimado como o bem maior. As reações emocionais são classificadas em agradáveis ou gentis, duras e más. O fim da emoção agradável é o prazer; o fim da emoção dura, do luto; o fim da emoção malvada, nada.

Por perversidade mental alguns homens não desejam prazer. Na realidade, no entanto, o prazer (especialmente de natureza física) é o verdadeiro fim da existência e excede em todos os sentidos os prazeres mentais e espirituais. O prazer, além disso, limita-se inteiramente ao momento; Agora é a única vez. O passado não pode ser encarado sem arrependimento e o futuro não pode ser encarado sem receios; portanto, nenhum dos dois é propício ao prazer. Ninguém deve se entristecer, pois o luto é a mais grave de todas as doenças. A natureza permite que o homem faça tudo o que quiser; ele é limitado apenas por suas próprias leis e costumes. Um filósofo é aquele livre de inveja, amor e superstição, e cujos dias são uma longa rodada de prazer. A indulgência foi assim elevada por Aristipo à posição principal entre as virtudes. Ele ainda declarou que os filósofos diferem marcadamente dos outros homens na medida em que eles sozinhos não mudariam a ordem de suas vidas se todas as leis dos homens fossem abolidas. Entre os filósofos proeminentes influenciados pelas doutrinas cirenaicas estavam Hegesias, Anniceris, Teodoro e Bion.

A seita dos filósofos acadêmicos instituída por Platão (427-347 a.C.) foi dividida em três partes principais – a antiga, a média e a nova Academia. Entre as antigas Aca- demics estavam Speusippus, Zenocrates, Poleman, Crates e Crantor. Arcesilau instituiu a Academia do meio e Carnéades fundou a nova. O principal entre os mestres de Platão era Sócrates. Platão viajou muito e foi iniciado pelos egípcios nas profundezas da filosofia hermética. Ele também derivou muito das doutrinas dos pitagóricos. Cícero descreve a tríplice constituição da filosofia platônica como compreendendo a ética, a física e a dialética. Platão definiu o bem como triplo caráter: o bem na alma, expresso através das virtudes; bom no corpo, expresso através da simetria e durância das partes; e o bem no mundo externo, expresso por meio da posição social e do companheirismo. No *Livro de Espeusippo sobre as Definições Platônicas*, esse grande platônico assim define Deus: "Um ser que vive imortalmente somente por meio de Si mesmo, bastando para a Sua própria bem-aventurança, a Essência eterna, causa de Sua própria bondade. Segundo Platão*, o Um* é o termo mais adequado para definir o Absoluto, uma vez que o todo precede as partes e a diversidade depende da unidade, mas a unidade não da diversidade. O Uno, além disso, é antes de ser, pois *ser* é um atributo ou condição do Uno.

A filosofia platônica baseia-se na postulação de três ordens do ser: o que se move imóvel, o que se move sozinho e o que se move. O que é imóvel, mas se move, é anterior ao que se move, que também é anterior àquilo que se move. Aquilo em que o movimento é inerente não pode ser separado de sua força motriz; é, portanto, incapaz de dissolução. De tal natureza são os imortais. Aquilo que lhe foi transmitido do outro pode ser separado da fonte de seu

princípio animador; está, portanto, sujeita à dissolução. De tal natureza são os seres mortais. Superior tanto aos mortais quanto aos imortais é aquela condição que se move continuamente, mas que não se move. A esta constituição é inerente o poder de habitabilidade; é, portanto, a Permanência Divina sobre a qual todas as coisas se estabelecem. Sendo mais nobre até do que o movimento próprio, o Mover impassível é a primeira de todas as dignidades. A disciplina platônica foi fundada na teoria de que aprender é realmente reminiscência, ou a trazer para a objetividade o conhecimento anteriormente adquirido pela alma em um estado anterior de existência. Na entrada da escola platônica na Academia estavam escritas as palavras: "Que nenhum ignorante de geometria entre aqui".



PLATO.

Do refluxo de figuras de Thomasin, *grupos, banhos, fontes, vasos e outros ornamentos*.

O nome verdadeiro de Platão era Aristocles. Quando seu pai o trouxe para estudar com Sócrates, o grande cético declarou que na noite anterior havia sonhado com um cisne branco, o que era um presságio de que seu novo discípulo se tornaria um dos iluminados do mundo. Há uma tradição de que o imortal Platão foi vendido como escravo pelo rei da Sicília.

Após a morte de Platão, seus discípulos se separaram em dois grupos. Um, os *Acadêmicos*, reuniu-se na Academia onde presidira, o outro, os *Peripatéticos*, removidos para o Liceu sob a liderança de Aristóteles (384-322 a.C.). Platão reconheceu Aristóteles como seu maior discípulo e, segundo Filopono, referiu-se a ele como "a mente da escola". Se Ar- istotle estivesse ausente das palestras, Platão diria: "O intelecto não está aqui". Sobre o gênio prodigioso de Aristóteles, Thomas Taylor escreve em sua introdução à *Metafísica*:

> "Quando consideramos que ele não só conhecia bem todas as ciências, como suas obras abundantemente evidenciam, mas que ele escreveu sobre quase todos os assuntos que

é compreendido no círculo do conhecimento humano, e isso com incomparável acturacia e habilidade, não sabemos qual admirar mais, a penetração ou extensão de sua mente." Sobre a filosofia de Aristóteles, o mesmo autor diz: "O fim da filosofia moral de Aristóteles é a perfeição através das virtudes, e o fim de sua filosofia contemplativa uma união com o único princípio de todas as coisas".

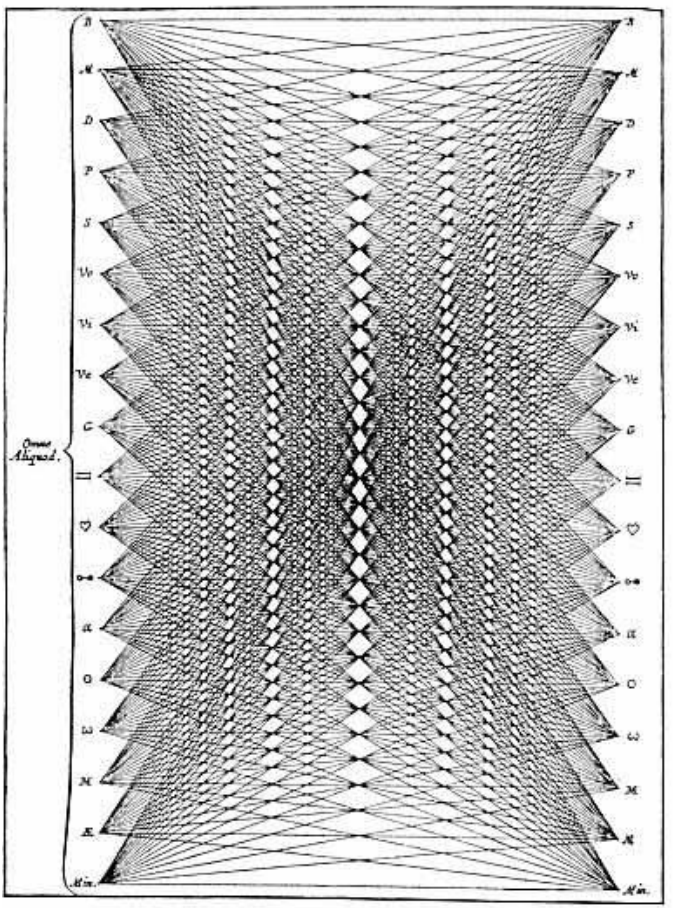
Aristóteles concebia a filosofia como dupla: prática e teórica. A filosofia prática abraçava a ética e a política; filosofia teórica, física e lógica. A metafísica ele considerava ser a ciência relativa àquela substância que tem o princípio do movimento e do repouso inerentes a si mesma. Para Aristóteles, a alma é aquela pela qual o homem primeiro vive, sente e compreende. Daí à alma atribuiu três faculdades: nutritiva, sensível e intelectiva. Ele ainda considerava a alma como dupla – racional e irracional – e, em alguns particulares, elevou as percepções sensoriais acima da mente. Aristóteles definiu a sabedoria como a ciência das causas primeiras. As quatro grandes divisões de sua filosofia são dialética, física, ética e metafísica. Deus é definido como o Primeiro Mover, o Melhor dos seres, uma Substância imóvel, separada das coisas sensíveis, vazia de quantidade corpórea, sem partes e indivisível. O platonismo baseia-se no raciocínio *a priori*; Aristotelismo sobre *raciocínio a posteriori*. Aristóteles ensinou seu pupilo, Alexandre, o Grande, a sentir que, se não tivesse feito uma boa ação, não reinara naquele dia. Entre seus seguidores estavam Teofrasto, Estrato, Licico, Aristólogo, Critolau e Diodoro.

Sobre *o ceticismo* proposto por Pirro de Elis (365-275 a.C.) e por Timão, Sexto Empiricus disse que aqueles que procuram devem encontrar ou negar que encontraram ou podem encontrar, ou perseverar na investigação. Aqueles que supõem ter encontrado a verdade são chamados *de dogmas,* os que a acham incompreensível são os *acadêmicos*, os que ainda buscam são os *céticos*. A atitude do ceticismo em relação ao cognoscível é resumida por Sexto Empiricus nas seguintes palavras: "Mas o principal fundamento do ceticismo é que para toda razão há uma razão oposta equivalente, que nos faz esquecer de dogmatizar".

Os céticos se opunham fortemente aos dogmatistas e eram agnósticos na medida em que consideravam as teorias aceitas sobre a Deidade como auto-contraditórias e não demoníacas. "Como", perguntou o cético, "podemos ter conhecimento indubitado de Deus, não conhecendo Sua substância, forma ou lugar; pois, embora os filósofos discordem irreconciliavelmente sobre esses pontos, suas conclusões não podem ser consideradas como indubitavelmente verdadeiras?" Como o conhecimento absoluto era considerado inatingível, os céticos declararam que o fim de sua disciplina era: "Em opiniões, inperturbação; nos impulsivos, a moderação; e nos desassossegos, suspensão".

A seita dos estoicos foi fundada por Zenão (340-265 a.C.), o cittiano, que estudou com Crates, o Cínico, de onde os estoicos tiveram sua origem. Zenão foi sucedido por Cleanthes, Chrysippus, Zenão de Tarsis, Diógenes, Antipater, Panécio e Posidônio. Os mais famosos dos estoicos romanos são Epicteto e Marco Aurélio. Os estoicos eram essencialmente panteístas, pois sustentavam que, como não há nada melhor do que o mundo, o mundo é Deus. Zenão declarou que a razão do mundo está difundida por todo ele como semente. O estoicismo é uma filosofia materialista, que impõe a resignação voluntária à lei natural. Chry-

Sippus sustentou que o bem e o mal sendo contrários, ambos são necessários, uma vez que um sustenta o outro. A alma era considerada como um corpo distribuído por toda a forma física e sujeito à dissolução com ela. Embora alguns dos estoicos sustentassem que a sabedoria prolongava a existência da alma, a imortalidade real não está incluída em seus princípios. Dizia-se que a alma era composta de oito partes: os cinco sentidos, o poder gerador, o poder vocal e uma oitava parte, ou hegemônica. A natureza foi definida como Deus misturado em toda a substância do mundo. Todas as coisas eram vistas como corpos corpóreos ou incorpóreos.



O PROBLEMA DA DIVERSIDADE.

Do Ars Magna Sciendi *de Kircher*.

No diagrama acima, Kircher organiza dezoito objetos em duas colunas verticais e, em seguida, determina o número de arranjos nos quais eles podem ser combinados. Pelo mesmo método, Kircher estima ainda que cinquenta objetos podem ser dispostos em 1.273.726.838.815.420.339.851.343.083.767.005.515.293.749.454.795.408,000.000.000.000 combinações. A partir disso, ficará evidente que a diversidade infinita é possível, pois as inúmeras partes do universo podem estar relacionadas entre si de um número incalculável de maneiras; e através das várias combinações dessas subdivisões ilimitadas do ser, a individualidade infinita e a variedade infinita devem inevitavelmente resultar. Assim, é ainda mais evidente que a vida nunca pode se tornar monótona ou esgotar as possibilidades da variedade.

A mansidão marcou a atitude do filósofo estoico. Enquanto Diógenes proferia um discurso contra a raiva, um de seus ouvintes cuspiu desdenhosamente em seu rosto. Recebendo o insulto com humildade, o grande estoico foi levado a retrucar: "Não estou zangado, mas estou em dúvida se devo ser assim ou não!"

Epicuro de Samos (341-270 a.C.) foi o fundador da seita epicurista , que em muitos aspectos se assemelha à cirenaica, mas é superior em seus padrões éticos. Os epicuristas também postulavam o prazer como o estado mais desejável, mas o concebiam como um estado grave e digno alcançado através da renúncia àquelas inconstâncias mentais e emocionais que são produtivas de dor e tristeza. Epicuro sustentava que, assim como as dores da mente e da alma são mais dolorosas do que as do corpo, assim também as alegrias da mente e da alma excedem as do corpo. Os cirenaicos afirmavam que o prazer dependia da ação ou do movimento; os epicuristas alegavam que o descanso ou a falta de ação eram igualmente propícios de prazer. Epicuro aceitou a filosofia de Demócrito sobre a natureza dos átomos e baseou sua física nessa teoria. A filosofia epicurista pode ser resumida em quatro cânones:

"(1) O sentido nunca é enganado; e, portanto, toda sensação e toda percepção de uma aparência é verdadeira. (2) A opinião segue o sentido e é superadicionada à sensação, e capaz de verdade ou falsidade, (3) Toda opinião atestada, ou não contraditada pela evidência do sentido, é verdadeira. (4) Uma opinião contraditada, ou não atestada pela evidência do sentido, é falsa." Entre os epicuristas de destaque estavam Metrodoro de Lampsacus, Zenão de Sídon e Fedro.

O ecletismo pode ser definido como a prática de escolher doutrinas aparentemente inconciliáveis de escolas antagônicas e construir a partir delas um sistema filosófico composto em harmonia com as convicções do próprio eclético. O ecletismo dificilmente pode ser considerado filosoficamente ou logicamente sólido, pois assim como as escolas individuais chegam a suas conclusões por diferentes métodos de raciocínio, o produto filosófico de fragmentos dessas escolas deve necessariamente ser construído sobre o fundamento de premissas conflitantes. O ecletismo, portanto, foi designado culto ao leigo. No Império Romano, pouco se pensava na teoria filosófica; consequentemente, a maioria de seus pensadores era do tipo eclético. Cícero é o exemplo notável do ecletismo primitivo, pois seus escritos são um verdadeiro potpourri de fragmentos inestimáveis de escolas de pensamento anteriores. O eclectismo parece ter tido seu início no momento em que os homens duvidaram pela primeira vez da possibilidade de descobrir a verdade última. Observando todo o chamado conhecimento como mera opinião, na melhor das hipóteses, os menos estudiosos concluíram ainda que o caminho mais sensato a seguir era aceitar o que parecia ser o mais razoável dos ensinamentos de qualquer escola ou indivíduo. Dessa prática, no entanto, surgiu uma pseudo-amplitude desprovida do elemento de precisão encontrado na verdadeira lógica e filosofia.

A escola *neopitagórica* floresceu em Alexandria durante o primeiro século da Era Cristã. Apenas dois nomes se destacam em relação a ele – Apolônio de Tiana e Moderatus de Gades. O neopitagorismo é um elo entre as antigas filosofias pagãs e o neoplatonismo. Como o primeiro, continha muitos elementos exatos do pensamento derivados de Pitágoras e Platão; como este, enfatizava a especulação metafísica e os hábitos ascéticos. Uma semelhança marcante tem sido observada por vários autores entre Neo-

O pitagorismo e as doutrinas dos essênios. Ênfase especial foi dada ao mistério dos números, e é possível que os neopitagóricos tivessem um conhecimento muito mais amplo dos verdadeiros ensinamentos de Pitágoras do que está disponível hoje. Mesmo no século I, Pitágoras era considerado mais como um deus do que um homem, e o renascimento de sua filosofia foi recorrido aparentemente na esperança de que seu nome estimulasse o interesse pelos sistemas mais profundos de aprendizagem. Mas a filosofia grega havia passado o zênite de seu esplendor; A massa da humanidade estava despertando para a importância da vida física e dos fenômenos físicos. A ênfase nos assuntos terrenos que começou a afirmar-se mais tarde atingiu a maturidade de expressão no materialismo e no mercantilismo do século XX, embora o neoplatonismo viesse a intervir e muitos séculos se passassem antes que essa ênfase tomasse forma definitiva.



ÆNEAS À PORTA DO INFERNO.

Da Eneida *de Virgílio*. (Tradução de Dryden.)

Virgílio descreve parte do ritual de um mistério grego – possivelmente o Eleusiniano – em seu relato da descida de Enéias, até a porta do inferno sob a orientação da Sibila. Sobre essa parte do ritual retratado acima, o poeta imortal escreve:

"Cheio no meio desta estrada infernal,
Um olmo exibe seus braços escuros no exterior; O Deus do Sono lá esconde sua cabeça pesada E sonhos vazios na folha são espalhados.
De várias formas, desnumerar mais espectros; Centauros e Formas duplas sitiam a Porta: Antes da Passagem horrível Hidra se ergue,
E Briareus com todas as suas cem mãos:
Górgonas, Geryon com seu quadro triplo; E
a vã Chimæra vomita Chama vazia.
O Chefe desembainhava seu Aço brilhante, preparando-se, Tho apreendido com medo repentino, para forçar a Guarda. Fora de seu brandish'd Arma em seu rosto, Não tivesse a Sibila parado seu ritmo ansioso,
E disse-lhe o que eram aqueles Fantasmas vazios;
Formas sem Corpos e Ar impassível."

Embora Amônio Saccus tenha sido por muito tempo considerado o fundador do *neoplatonismo*, a escola teve seu verdadeiro início em Plotino (204-269 d.C.). Entre os neoplatônicos de Alexandria, Síria, Roma e Atenas destacaram-se Porfírio, Jâmblico, Salústio, o imperador Juliano, Plutarco e Proclo. O neoplatonismo foi o supremo esforço do pagandom decadente para publicar e, assim, preservar para a posteridade sua doutrina secreta (ou não escrita). Em seus ensinamentos, o idealismo antigo encontrou sua expressão mais perfeita. O neoplatonismo preocupava-se quase exclusivamente com os problemas da metafísica superior. Reconhecia a existência de uma doutrina secreta e importantíssima que, desde a época das primeiras civilizações, estava escondida nos rituais, símbolos e alegorias das religiões e filosofias. Para a mente não familiarizada com seus princípios fundamentais, o neoplatonismo pode parecer uma massa de especulações intercaladas com voos extravagantes de fantasia. Tal ponto de vista, no entanto, ignora as instituições dos Mistérios – aquelas escolas secretas em cujas profundezas de idealismo quase todos os primeiros filósofos da antiguidade foram iniciados.

Quando o corpo físico do pensamento pagão entrou em colapso, tentou-se ressuscitar a forma, incutindo-lhe nova vida pelo desvelamento de suas verdades místicas. Este ef- fort aparentemente era estéril de resultados. Apesar do antagonismo, no entanto, entre o cristianismo primitivo e o neoplatonismo, muitos princípios básicos deste último foram aceitos pelo for- mer e tecidos no tecido da filosofia patrística. Resumidamente descrito, o neoplatonismo é um código filosófico que concebe todo corpo físico ou concreto de doutrina como sendo apenas a casca de uma verdade espiritual que pode ser descoberta através da meditação e de certos exercícios de natureza mística. Em comparação com as verdades espirituais esotéricas que eles contêm, os corpos corpóreos da religião e da filosofia eram considerados relativamente de pouco valor. Da mesma forma, nenhuma ênfase foi dada às ciências materiais.

O termo *Patrística* é empregado para designar a filosofia dos Padres da Igreja Cristã primitiva. A filosofia patrística é dividida em duas épocas gerais: ante-nicena e pós-nicena. O período ante-niceno, em sua maioria, foi dedicado a ataques ao paganismo e a desculpas e defesas do cristianismo. Toda a estrutura da filosofia pagã foi atacada e os ditames da fé elevados acima dos da razão. Em

alguns casos foram feitos esforços para reconciliar as verdades evidentes do paganismo com a revelação cris- tiana. Entre os padres ante-nicenos destacavam-se São Ireneu, Clemente de Alexandria e Justino Mártir. No período pós-niceno, mais ênfase foi colocada no desdobramento da filosofia cristã ao longo de linhas platônicas e neoplatônicas, resultando no aparecimento de muitos documentos estranhos de natureza longa, divagante e ambígua, quase todos filosoficamente infundados. Os filósofos pós-nicenos incluíam Atanásio, Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria. A escola patrística é notável por sua ênfase na supremacia do homem em todo o universo. O homem foi concebido para ser uma criação separada e divina – a coroação da Deidade e uma exceção à suserania da lei natural. Para a Patrística era inconcebível que existisse outra criatura tão nobre, tão afortunada, ou tão capaz como o homem, para cujo único benefício e edificação todos os reinos da Natureza foram criados primariamente.

A filosofia patrística culminou no *agostinianismo*, que pode ser melhor definido como platonismo cris- tiano. Opondo-se à *doutrina pelasgiana* de que o homem é o autor de sua própria salvação, o agostinianismo elevou a igreja e seus dogmas a uma posição de infalibilidade absoluta – posição que manteve com sucesso até a Reforma. *O gnosticismo*, um sistema de emanacionismo, interpretando o cristianismo em termos de metafis- cias gregas, egípcias e persas, apareceu na última parte do primeiro século da Era Cristã. Praticamente todas as informações existentes sobre os gnósticos e suas doutrinas, estigmatizadas como heresia pelos Padres da Igreja ante-nicenos, derivam das acusações feitas contra eles, especialmente dos escritos de São Ireneu. No século III apareceu o *manicheísmo*, um sistema dualista de origem persa, que ensinava que o Bem e o Mal estavam sempre disputando a supremacia universal. No Manichæísmo, Cristo é concebido como o Princípio da Redenção do Bem, em contraposição ao homem Jesus, que era visto como uma personalidade má.

A morte de Boécio no século VI marcou o fim da antiga escola grega de filosofia. O século IX viu o surgimento da nova escola da *Escolástica*, que buscava conciliar a filosofia com a teologia. Representantes das principais divisões da escola escolástica foram o *Ecletismo* de João de Salisbury*, o Misticismo de Bernard de Claraval e São Boaventura,* o Racionalismo de *Pedro Abelardo e o* Misticismo panteísta de *Meister Eckhart*. Entre os aristotélicos árabes estavam Avicena e Averróis. O zênite da escolástica foi alcançado com o advento de Alberto Magno e seu ilustre discípulo, São Tomás de Aquino. *O tomismo* (a filosofia de São Tomás de Aquino, às vezes referido como o Aristóteles cristão) procurou reconciliar as várias facções da escola escolástica. O tomismo era basicamente aristotélico, com o conceito adicional de que a fé é uma projeção da razão.

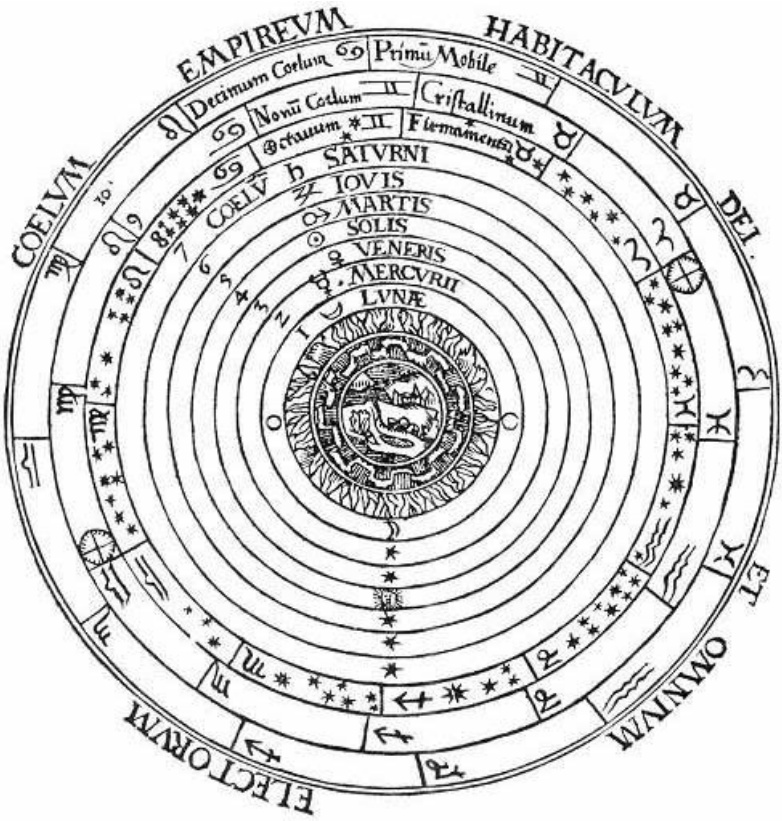
O escotismo ou a doutrina do *voluntarismo* promulgada por Joannes Duns Scotus, um escolástico franciscano, enfatizava o poder e a eficácia da vontade individual, em oposição ao tomismo. A característica marcante da Escolástica foi seu esforço frenético para lançar todo o pensamento europeu em um molde aristotélico. Eventualmente, os Escolares desceram ao nível de meros literais que escolheram as palavras de Aristóteles tão limpas que nada restou além dos ossos. Foi contra essa escola decadente de verborragia sem sentido que Sir Francis Bacon dirigiu seus amargos eixos de ironia e que ele relegou ao campo das noções descartadas.

O sistema baconiano, ou indutivo, de raciocínio (pelo qual os fatos são alcançados por um processo de observação e verificados pela experimentação) abriu caminho para as escolas da ciência moderna. Bacon foi seguido por Thomas Hobbes (por algum tempo seu secretário), que considerava a matemática a única ciência exata e pensava ser essencialmente um processo matemático. Hobbes declarou que a matéria era a única realidade, e a investigação científica limitava-se ao estudo dos corpos, dos fenômenos relativos às suas prováveis causas e das consequências que deles decorrem sob toda variedade de circunstâncias. Hobbes deu especial ênfase ao significado das palavras, declarando que a compreensão é a faculdade de perceber a relação entre as palavras e os objetos pelos quais elas se sustentam.

Tendo rompido com as escolas escolares e teológicas, a filosofia *pós-reforma,* ou moderna, experimentou um crescimento prolífico ao longo de muitas linhas diversas. De acordo com o Humanismo, o homem é a medida de todas as coisas; *O racionalismo* faz das faculdades de raciocínio a base de todo conhecimento; *A Filosofia Política* sustenta que o homem deve compreender seus privilégios naturais, sociais e nacionais; O empirismo declara que só é verdade o que é demonstrável por experimento ou experiência; *O moralismo* enfatiza a necessidade da conduta correta como princípio filosófico fundamental; *O idealismo* afirma que as realidades do universo são superfísicas – mentais ou psíquicas; *O realismo*, o inverso, e o *fenomenalismo* restringem o conhecimento a fatos ou eventos que podem ser descritos ou explicados cientificamente. Os desenvolvimentos mais recentes no campo do pensamento filosófico são o *be- haviorismo* e o *neorrealismo*. O primeiro estima as características intrínsecas por meio de uma análise do comportamento; esta última pode ser resumida como a extinção total do idealismo.

Baruch de Spinoza, o eminente filósofo holandês, concebeu Deus como uma substância absolutamente auto-existente e não necessitando de outra concepção além de si mesma para torná-la completa e inteligível. A natureza desse Ser foi considerada por Spinoza como compreensível apenas através de seus atributos, que são extensão e pensamento: estes se combinam para formar uma variedade infinita de *aspectos* ou *modos*. A mente do homem é um dos modos do pensamento infinito; o corpo do homem um dos modos de extensão infinita. Através da razão, o homem é capacitado a elevar-se acima do mundo ilusório dos sentidos e encontrar repouso eterno em perfeita união com a Essência Divina. Espinosa, diz-se, privou Deus de toda personalidade, tornando a Deidade sinônimo do universo.

A filosofia alemã teve seu início com Gottfried Wilhelm von Leibnitz, cujas teorias são permeadas pelas qualidades do otimismo e do idealismo. Os critérios de razão suficiente de Leibnitz revelaram-lhe a insuficiência da teoria da extensão de Descartes, e ele concluiu, portanto, que a própria substância continha um poder inerente na forma de um número incalculável de unidades separadas e totalmente suficientes. A matéria reduzida às suas partículas últimas deixa de existir como um corpo substancial, sendo resolvida em uma massa de ideias imateriais ou unidades metafísicas de poder, às quais Leibnitz aplicou o termo *mônada*. Assim, o universo é composto por um número infinito de entidades monádicas separadas que se desdobram espon- taneamente através da objetivação de qualidades ativas inatas. Todas as coisas são concebidas como consistindo de mônadas únicas de magnitudes variadas ou de agregações desses corpos, que podem existir como substâncias físicas, emocionais, mentais ou espirituais. Deus é a primeira e maior Mônada; O espírito do homem é uma mônada desperta em contraposição aos reinos inferiores, cujos poderes monádicos governantes estão em estado semiadormecido.



O ESQUEMA PTOLOMAICO DO UNIVERSO.

De uma gravura antiga, cortesia de Carl Oscar Borg.

Ao ridicularizar o sistema geocêntrico da astronomia exposto por Cláudio Ptolomeu, os tronomistas modernos ignoraram a chave filosófica do sistema ptolomaico. O universo de Ptolomeu é uma representação diagramática das relações existentes entre as várias partes divinas e elementais de cada criatura, e não está preocupado com a astronomia como essa ciência é agora compreendida. Na figura acima, uma atenção especial é dada aos três círculos de zodíacos que cercam as órbitas dos planetas. Esses zodíacos representam a tríplice constituição espiritual do universo. As órbitas dos planetas são os Governadores do Mundo e as quatro esferas elementais no centro representam a constituição física do homem e do universo, o esquema de Ptolomeu do universo é simplesmente uma seção transversal da aura universal, os planetas e elementos aos quais ele se refere não têm relação com aqueles reconhecidos pelos astrônomos modernos.

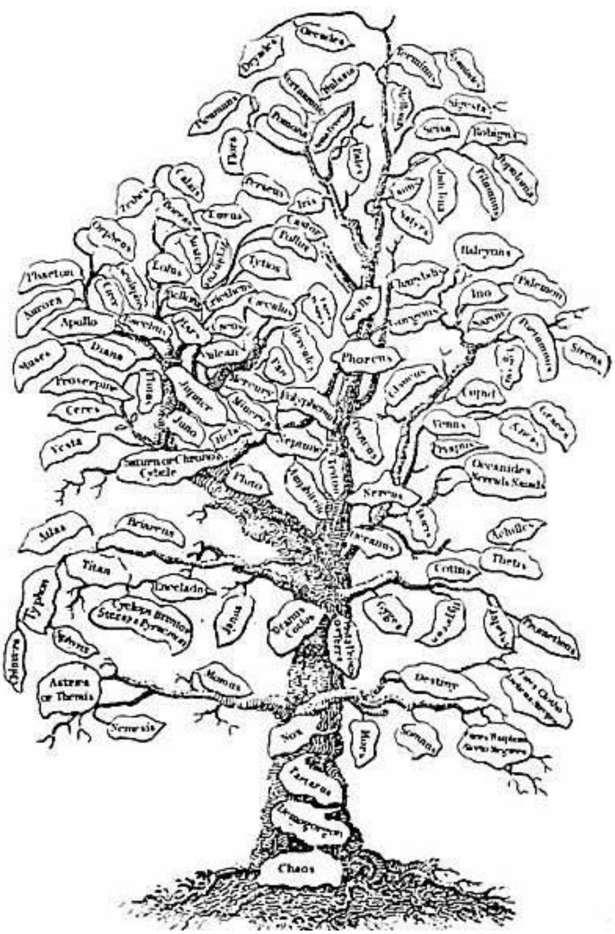
Embora produto da escola leibnitziana-wolfiana, Immanuel Kant, assim como Locke, dedicou-se à investigação dos poderes e limites da compreensão humana. O resultado foi sua filosofia crítica, abraçando a crítica da razão pura, a crítica da razão prática e a crítica do juízo. O Dr. W. J. Durant resume a filosofia de Kant na afirmação concisa de que ele resgatou a mente da matéria. A mente concebida por Kant para ser a seletora e coordenadora de todas as percepções, que por sua vez são o resultado das sensações

agrupando-se sobre algum objeto externo. Na classificação das sensações e ideias a mente emprega certas categorias: de sentido, tempo e espaço; de compreensão, qualidade, relação, modalidade e causalidade; e a unidade da apercepção. Estando sujeitos a leis matemáticas, o tempo e o espaço são considerados bases absolutas e suficientes para o pensamento exato. A razão prática de Kant declarou que, embora a natureza do *noumenon* nunca pudesse ser compreendida pela razão, o fato da moralidade prova a existência de três postulados necessários: o livre-arbítrio, a imortalidade e Deus. Na crítica do juízo, Kant demonstra a união do *noumenon* e do *fenômeno* na arte e na evolução biológica. O *superintelectualismo* alemão é o resultado de uma ênfase excessiva da teoria de Kant da supremacia autocrática da mente sobre a sensação e o pensamento. A filosofia de Johann Gottlieb Fichte foi uma projeção da filosofia de Kant, na qual ele tentou unir a razão prática de Kant com sua razão pura. Fichte sustentava que o conhecido é apenas o conteúdo da consciência do conhecedor, e que nada pode existir para o conhecedor até que se torne parte desses conteúdos. Nada é real, portanto, exceto os fatos da própria experiência mental.

Reconhecendo a necessidade de certas realidades objetivas, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, que sucedeu Fichte na cadeira de filosofia em Jena, primeiro empregou a doutrina da identidade como base para um sistema completo de filosofia. Enquanto Fichte considerava o eu como o Absoluto, von Schelling concebia a Mente infinita e eterna como a Causa onipresente. A realização do Absoluto é possibilitada pela intuição intelectual que, sendo um sentido superior ou espiritual, é capaz de dissociar-se tanto do sujeito quanto do objeto. As categorias de espaço e tempo de Kant que von Schelling concebia como positivas e negativas, respectivamente, e a existência material o resultado da aceitação recíproca dessas duas expressões. Von Schelling também sustentou que o Absoluto em seu processo de autodesenvolvimento procede de acordo com uma lei ou ritmo composto por três movimentos. O primeiro, um movimento reflexivo, é a tentativa do Infinito de se encarnar no finito. A segunda, a da subsunção, é a tentativa do Absoluto de retornar ao Infinito após o envolvimento no finito. O terceiro, o da razão, é o ponto neutro em que os dois movimentos anteriores se misturam.

Georg Wilhelm Friedrich Hegel considerava a intuição intelectual de von Schelling filosoficamente insólida e, portanto, voltou sua atenção para o estabelecimento de um sistema de filosofia baseado na lógica pura. De Hegel diz-se que ele começou sem nada e mostrou com precisão lógica como tudo procedeu a partir dele em ordem lógica. Hegel elevou a lógica a uma posição de suprema importância, na verdade como qualidade do próprio Absoluto. Deus ele concebeu como um processo de desdobramento que nunca atinge a condição de desdobramento. Da mesma forma, o pensamento não tem começo nem fim. Hegel acreditava ainda que todas as coisas devem sua existência aos seus opostos e que todos os opostos são realmente idênticos. Assim, a única existência é a relação de opostos entre si, através de cujas combinações novos elementos são produzidos. Como a Mente Divina é um processo eterno de pensamento nunca realizado, Hegel ataca o próprio fundamento do teísmo e sua filosofia limita a imortalidade apenas à Deidade sempre fluindo. A evolução é, portanto, o fluxo interminável da Consciência Divina para fora de si mesma; Toda a criação, embora em constante movimento, nunca chega a outro estado que não seja o do fluxo incessante.

A filosofia de Johann Friedrich Herbart foi uma reação realista do idealismo de Fich- te e von Schelling. Para Herbart, a verdadeira base da filosofia era a grande massa de fenômeno-ena que se movia continuamente pela mente humana. O exame dos fenômenos, no entanto, demonstra que grande parte deles é irreal, pelo menos incapaz de fornecer à mente a verdade real. Para corrigir as falsas impressões causadas pelos fenômenos e descobrir a realidade, Herbart acreditava ser necessário resolver os fenômenos em elementos separados, pois a realidade existe nos elementos e não no todo. Ele afirmou que os objetos podem ser classificados por três termos gerais: coisa, matéria e mente; o primeiro uma unidade de várias propriedades, o segundo um objeto existente, o terceiro um ser autoconsciente. Todas as três noções dão origem, no entanto, a certas contradições, com cuja solução Herbart se preocupa principalmente. Por exemplo, considere a matéria. Embora capaz de preencher o espaço, se reduzida ao seu estado final, consiste em unidades incompreensivelmente minúsculas de energia divina que não ocupam nenhum espaço físico.



A ÁRVORE DA MITOLOGIA CLÁSSICA.

De O Novo Panteão*, de Hort.*

Antes que uma apreciação adequada dos aspectos científicos mais profundos da mitologia grega seja possível, é necessário organizar o panteão grego e organizar seus deuses, deusas e várias hierarquias sobre-humanas em ordem concatenada. Proclo, o grande neoplatônico, em seus comentários sobre a teologia de Platão, dá uma chave inestimável para a sequência de

as várias divindades em relação à Causa Primeira e os poderes inferiores que emanam de si mesmos. Quando assim dispostas, as hierarquias divinas podem ser comparadas aos galhos de uma grande árvore. As raízes desta árvore estão firmemente embutidas no Incognoscível. O tronco e os galhos maiores da árvore simbolizam os deuses superiores; os galhos e folhas, as inúmeras existências dependentes do primeiro e imutável Poder.

O verdadeiro tema da filosofia de Arthur Schopenhauer é a vontade; O objeto de sua filosofia é a elevação da mente ao ponto em que ela é capaz de controlar a vontade. Scho-

Penhauer compara a vontade a um cego forte que carrega nos ombros o intelecto, que é um homem fraco e coxo que possui o poder da visão. A vontade é a causa incansável da manifestação e cada parte da Natureza o produto da vontade. O cérebro é produto da vontade de saber; a mão produto da vontade de agarrar. Todas as constituições intelectuais e emocionais do homem são subservientes à vontade e estão amplamente preocupadas com o esforço de justificar os ditames da vontade. Assim, a mente cria elaborados sistemas de pensamento simplesmente para provar a necessidade da coisa desejada. O gênio, no entanto, representa o estado em que o intelecto ganhou supremacia sobre a vontade e a vida é regida pela razão e não pelo impulso. A força do cristianismo, dizia Schopenhauer, residia no pessimismo e na conquista da vontade individual. Seus próprios pontos de vista religiosos se assemelhavam muito ao budista. Para ele, o Nirvana representava a subjugação da vontade. A vida – a manifestação da vontade cega de viver – ele via como uma desgraça, afirmando que o verdadeiro filósofo era aquele que, reconhecendo a sabedoria da morte, resistia ao impulso inerente de reproduzir sua espécie.

De Friedrich Wilhelm Nietzsche foi dito que sua contribuição peculiar para a causa da esperança humana foi a feliz notícia de que Deus havia morrido de piedade! As façanhas marcantes da filosofia de Nietzsche são sua doutrina da eterna recorrência e a extrema ênfase colocada por ele sobre a *vontade de potência* – uma projeção da vontade de viver de Schopenhauer. Nietzsche acreditava que o propósito da existência era a produção de um tipo de indivíduo todo-poderoso, designado por ele de super-homem. Esse super-homem era produto de um cultivo cuidadoso, pois se não fosse separado à força da massa e consagrado à produção de poder, o indivíduo voltaria ao nível do medíocre mortal. O amor, dizia Nietzsche, deve ser sacrificado à produção do super-homem e só devem se casar aqueles que estão mais aptos a produzir esse tipo excepcional. Nietzsche também acreditava no domínio da aristocracia, sendo o sangue e a criação essenciais para o estabelecimento desse tipo superior. A doutrina de Nietzsche não libertou as massas; antes colocava sobre eles super-homens pelos quais seus irmãos e irmãs inferiores deveriam ser perfeitamente reconciliados para morrer. Ética e politicamente, o super-homem era uma lei para si mesmo. Para aqueles que sustentam o verdadeiro significado de poder como virtude, autocontrole e verdade, a idealidade por trás da teoria de Nietzsche é aparente. Para o superficial, no entanto, é uma filosofia sem coração e calculista, preocupada apenas com a sobrevivência do mais apto.

Das outras escolas alemãs de pensamento filosófico, limitações de espaço impedem uma menção detalhada. Os desenvolvimentos mais recentes da escola alemã são o *freudismo* e o *relativismo* (muitas vezes chamado de teoria de Einstein). O primeiro é um sistema de psicanálise através de fenômenos psicopáticos e neurológicos; este último ataca a precisão dos princípios mecânicos dependentes da teoria atual da velocidade.

René Descartes está à frente da escola francesa de filosofia e divide com Sir Francis Bacon a honra de fundar os sistemas da ciência e da filosofia modernas. Assim como Bacon baseou suas conclusões na observação das coisas externas, assim Descartes fundou sua filosofia metafísica na observação das coisas internas. *O cartesianismo* (a filosofia de Descartes) primeiro elimina todas as coisas e depois substitui como fundamentais aquelas premissas sem as quais a existência é impossível. Descartes definiu uma ideia como aquela que preenche a mente quando concebemos uma coisa. A verdade de uma ideia deve ser determinada pelos critérios de clareza e distinção. Daí Descartes, sustentou que um claro e distinto

ideia deve ser verdadeira. Descartes tem a distinção também de evoluir sua própria filosofia sem recorrer à autoridade. Consequentemente, suas conclusões são construídas a partir das premissas mais simples e crescem em complexidade à medida que a estrutura de sua filosofia toma forma.

A filosofia *positiva* de Auguste Comte baseia-se na teoria de que o intelecto humano se desenvolve através de três estágios do pensamento. O primeiro e mais baixo estágio é teológico; o segundo, metafísico; e o terceiro e mais alto, positivo. Assim, a teologia e a metafísica são os débeis esforços intelectuais da mente-criança da humanidade, e o positivismo é a expressão mental do intelecto adulto. Em seu *Cours de Philosophie positive*, Comte escreve:

> "No final, o estado positivo, a mente cedeu a busca vã pelas noções absolutas, a origem e o destino do universo, e as causas da fenomena, e se aplica ao estudo de suas leis, isto é, suas relações invariáveis de sucessão e semelhança. Raciocínio e observação, devidamente combinados, são os meios desse conhecimento."

A teoria de Comte é descrita como um "enorme sistema de materialismo". De acordo com Comte, antigamente se dizia que os céus declaram a glória de Deus, mas agora eles só contam a glória de Newton e Laplace.

Entre as escolas francesas de filosofia estão o *Tradicionalismo* (muitas vezes aplicado à cristianidade), que estima a tradição como o fundamento próprio da filosofia; a *escola sociológica*, que considera a humanidade como um vasto organismo social; os *Enciclopedistas*, cujos esforços para classificar o conhecimento de acordo com o sistema baconiano revolucionaram o pensamento europeu; *o Voltairismo*, que atacava a origem divina da fé cristã e adotava uma atitude de extremo ceticismo em relação a todos os assuntos pertinentes à teologia, e a *Neocrítica*, uma revisão francesa das doutrinas de Immanuel Kant.

Henri Bergson, o intuicionista, sem dúvida o maior filósofo francês vivo, apresenta uma teoria do anti-intelectualismo místico fundada na premissa da evocação criativa, Sua rápida ascensão à popularidade deve-se ao seu apelo aos sentimentos mais finos da natureza humana, que se rebelam contra a desesperança e o desamparo da ciência materialista e da filosofia realista. Bergson vê Deus como a vida lutando continuamente contra os limites da matéria. Ele até concebe a possível vitória da vida sobre a matéria e, com o tempo, a aniquilação da morte.

Aplicando o método baconiano à mente, John Locke, o grande filósofo inglês, declarou que tudo o que passa pela mente é um objeto legítimo da filosofia mental, e que esses fenômenos mentais são tão reais e válidos quanto os objetos de qualquer outra ciência. Em suas investigações sobre a origem dos fenômenos, Locke partiu da exigência baconiana de que era necessário primeiro fazer uma história natural dos fatos. A mente foi considerada por Locke como em branco até que a experiência seja inscrita nela. Assim, a mente é construída de impressões recebidas mais reflexão. A alma que Locke acreditava ser incapaz de apreensão da Deidade, e a realização ou cognição do homem de Deus era meramente uma inferência da faculdade de raciocínio. David Hume foi o mais entusiasmado e também o mais poderoso dos discípulos de Locke.

Atacando o sensacionalismo de Locke, o bispo George Berkeley substituiu por ele uma filosofia fundada nas premissas fundamentais de Locke, mas que ele desenvolveu como um sistema de idealismo. Berkeley sustentava que as ideias são os verdadeiros objetos do conhecimento. Declarou ser imprescindível a prova de que as sensações são ocasionadas por objetos materiais; ele também tentou provar que a matéria não existe. O berqueleianismo sustenta que o universo é permeado e governado pela mente. Assim, a crença na existência de objetos materiais é meramente uma condição mental, e os próprios objetos podem muito bem ser fabricações da mente. Ao mesmo tempo, Berkeley considerava pior do que a insanidade questionar a precisão das percepções; pois, se o poder das faculdades perceptivas for questionado, o homem é reduzido a uma criatura incapaz de conhecer, estimar ou realizar qualquer coisa.

No *associativismo* de Hartley e Hume foi avançada a teoria de que a associação de ideias é o princípio fundamental da psicologia e a explicação para todos os fenômenos mentais. Hartley sustentou que se uma sensação é repetida várias vezes, há uma tendência à sua repetição espontânea, que pode ser despertada pela associação com alguma outra ideia, mesmo que o objeto causador da reação original esteja ausente. O *utilitarismo* de Jeremy Bentham, Archdeacon Paley e James e John Stuart Mill declara que ser o bem maior é o mais útil para o maior número. John Stuart Mill acreditava que, se é possível através da sensação assegurar o conhecimento das *propriedades* das coisas, também é possível através de um estado superior da mente – isto é, intuição ou razão – obter um conhecimento da verdadeira substância das coisas.

Darwinismo é a doutrina da seleção natural e da evolução física. Diz-se de Charles Robert Darwin que ele decidiu banir completamente o espírito do universo e tornar a própria Mente infinita e onipresente sinônimo dos poderes onipresentes de uma Natureza impessoal. *O agnosticismo* e o *neo-hegelianismo* também são produtos notáveis desse período do pensamento filosófico. A primeira é a crença de que a natureza dos últimos é incognoscível; este último, um renascimento inglês e americano do idealismo de Hegel. O Dr. W. J. Durant declara que a Grande Obra de Herbert Spencer*, Primeiros Princípios*, fez dele quase ao mesmo tempo o filósofo mais famoso de seu tempo. *O spencerianismo* é um positivismo filosófico que descreve a evolução como uma complexidade cada vez maior, com o equi- líbrio como seu estado mais alto possível. Segundo Spencer, a vida é um processo contínuo da homogeneidade para a heterogeneidade e de volta da heterogeneidade para a homogeneidade. A vida também envolve o ajuste contínuo das relações internas às relações externas. O mais famoso de todos os aforismos de Spencer é sua definição de Deidade: "Deus é inteligência infinita, infinitamente diversificada através do tempo infinito e do espaço infinito, manifestando-se através de um
finitude de individualidades em constante evolução".

A universalidade da lei da evolução foi enfatizada por Spencer, que a aplicou não apenas à forma, mas também à inteligência por trás da forma. Em toda manifestação do ser ele reconheceu a tendência fundamental do desdobramento da simplicidade à complexidade, observando que quando o ponto de equilíbrio é atingido ele é sempre seguido pelo processo de dissolução. De acordo com Spencer, no entanto, a desintegração ocorreu apenas para que a reintegração pudesse seguir um nível mais alto de ser.

O cargo principal na escola italiana de filosofia deve ser atribuído a Giordano Bruno, que, depois de aceitar entusiasticamente a teoria de Copérnico de que o sol é o centro

do sistema solar, declarou o Sol como uma estrela e todas as estrelas como sóis. No tempo de Bruno a terra era considerada o centro de toda a criação. Consequentemente, quando ele rel- egou o mundo e o homem a um canto obscuro no espaço, o efeito foi cataclísmico. Pela heresia de afirmar uma multiplicidade de universos e conceber o Cosmos como tão vasto que nenhum credo poderia preenchê-lo, Bruno pagou a perda de sua vida.



UMA TRINDADE CRISTÃ.

De Hone's

Mistérios antigos descritos.

Em um esforço para expor em uma figura apropriada a doutrina cristã da Trindade, foi necessário conceber uma imagem na qual as três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – fossem separadas e ainda uma só. Em diferentes partes da Europa podem ser vistas figuras semelhantes às anteriores, em que três faces estão unidas em uma cabeça. Este é um método legítimo de para aqueles capazes de perceber o significado sagrado da tríplice cabeça um grande mistério é revelado. No entanto, na presença de tais aplicações de simbologia na arte cristã, dificilmente é apropriado considerar os phi- losophers de outras religiões como enlouquecidos se, como os hindus, eles têm um Brahma de três faces, ou, como os romanos, um Janus de duas faces.

O vicoísmo é uma filosofia baseada nas conclusões de Giovanni Battista Vico, que sustentava que Deus controla Seu mundo não milagrosamente, mas através da lei natural. As leis pelas quais os homens governam a si mesmos, declarou Vico, partem de uma fonte espiritual dentro da humanidade que está *em sintonia* com a lei da Deidade. Portanto, a lei material é de origem divina e reflete os ditames do Pai Espiritual. A filosofia do *ontologismo* desenvolvida por Vincenzo Gioberti (geralmente considerado mais como teólogo do que filósofo) postula Deus como o único ser e a origem de todo conhecimento, sendo o conhecimento idêntico à própria Deidade. Deus é, portanto, chamado Ser; todas as outras manifestações são existências. A verdade deve ser descoberta através da reflexão sobre este mistério.

O mais importante dos filósofos italianos modernos é Benedetto Croce, um ideista hegeliano. Croce concebe as ideias como sendo a única realidade. Ele é antiteológico em seus pontos de vista, não acredita na imortalidade da alma e procura substituir a ética e a anestesia pela religião. Entre outros ramos da filosofia italiana deve ser mencionado o *Sensismo (Sensacionalismo*), que postula as percepções sensoriais como os únicos canais para a recepção do conhecimento; *A crítica*, ou a filosofia do julgamento preciso, e a *neoescolástica*, que é um renascimento do tomismo incentivado pela Igreja Católica Romana.

As duas escolas mais marcantes da filosofia americana são *o Transcendentalismo* e o *Pragmatismo*. O transcendentalismo, exemplificado nos escritos de Ralph Waldo Emerson, enfatiza o poder do transcendental sobre o físico. Muitos dos escritos de Emerson mostram uma influência oriental pronunciada, particularmente seus ensaios sobre a Oversoul e a Lei de Compensação. A teoria do Pragmatismo, embora não seja original com o professor William James, deve sua ampla popularidade como um princípio filosófico aos seus esforços. O pragmatismo pode ser definido como a doutrina de que o significado e a natureza das coisas devem ser descobertos a partir da consideração de suas consequências. O verdadeiro, segundo Tiago, "é apenas um expediente no modo de pensar, assim como 'o direito' é apenas um expediente no modo de nos comportarmos". (Veja o seu *Pragmatismo*.) John Dewey, o *instrumentista*, que aplica a atitude experimental a todos os objetivos da vida, deve ser considerado um comentarista de James. Para Dewey, crescimento e mudança são ilimitados e não se postulam ultimatos. A longa permanência na América de George Santayana justifica a listagem deste grande espanhol entre as fileiras dos filósofos americanos. Defendendo-se com o escudo do ceticismo das ilusões dos sentidos e dos erros cumulativos dos tempos, Santayana procura conduzir a humanidade a um estado mais apreendedor denominado por ele *de vida da razão*.

(Além das autoridades já citadas, na elaboração do ab- strato acima dos principais ramos do pensamento filosófico, o presente escritor recorreu à *História da Filosofia de* Stanley; Uma *visão histórica e crítica da filosofia específica da Europa no século XIX, de Morell*; Os *pensadores modernos de Singer e os problemas atuais*; Filósofos *Clássicos Modernos* de Rand; *História da Filosofia de Windelband*; Tendências Filosóficas Atuais de Perry; Palestras de Hamilton *sobre Metafísica e Lógica; e* A História da Filosofia*, de Durant*.)

Tendo assim traçado o desenvolvimento mais ou menos sequencial da especulação filosófica de Thales a James e Bergson, é agora para direcionar a atenção do leitor para os elementos que levam e as circunstâncias que acompanham a gênese do pensamento filosófico. Embora os helenos se mostrassem peculiarmente sensíveis às disciplinas da filosofia, essa ciência das ciências não deveria ser considerada indígena para eles. "Embora alguns dos grecianos", escreve Thomas Stanley, "tenham desafiado à sua nação o original da filosofia, ainda assim os mais instruídos reconheceram que ela [é] derivada do Oriente". As magníficas instituições de ensino hindu, caldeu e egípcio devem ser reconhecidas como a verdadeira fonte da sabedoria grega. O último foi modelado após a sombra projetada pelos santuários de Ellora, Ur, e Mênfis sobre a substância do pensamento de um povo primitivo. Tales, Pitágoras e Platão, em suas andanças filosóficas, contataram muitos cultos distantes e trouxeram de volta a tradição do Egito e do inescrutável Oriente.

De fatos indiscutíveis como esses fica evidente que a filosofia surgiu dos Mistérios religiosos da antiguidade, não sendo separada da religião até depois da decadência dos Mistérios. Por isso, aquele que quiser compreender as profundezas do pensamento filosófico deve fa- miliarizar-se com os ensinamentos daqueles sacerdotes iniciados designados como os primeiros guardiões da revelação divina. Os Mistérios afirmavam ser os guardiões de um conhecimento transcendental tão profundo que era incompreensível a não ser para o intelecto mais exaltado e tão potente que só se revelava com segurança àqueles em quem a ambição pessoal estava morta e que haviam consagrado suas vidas ao serviço altruísta da humanidade. Tanto a dignidade dessas instituições sagradas quanto a validade de sua reivindicação de posse da Wis- dom Universal são atestadas pelos mais ilustres filósofos da antiguidade, que foram eles próprios iniciados nas profundezas da doutrina secreta e que deram testemunho de sua eficácia.

A pergunta pode legitimamente ser proposta: se essas antigas instituições místicas eram de tão "grande idade", por que há tão pouca informação disponível sobre elas e os arcanos que diziam possuir? A resposta é bastante simples: os Mistérios eram sociedades secretas, vinculando seus iniciados ao segredo inviolável e vingando com a morte a traição de suas sagradas confianças. Embora essas escolas tenham sido a verdadeira inspiração das várias doutrinas promulgadas pelos filósofos antigos, a fonte dessas doutrinas nunca foi revelada ao profano. Além disso, no lapso de tempo, os ensinamentos tornaram-se tão inextricavelmente ligados aos nomes de seus disseminadores que a fonte real, mas recôndita – os Mistérios – passou a ser totalmente ignorada.

O simbolismo é a linguagem dos Mistérios; na verdade, é a linguagem não só do misticismo e da filosofia, mas de toda a Natureza, pois toda lei e poder ativo no procedimento universal se manifesta às percepções sensoriais limitadas do homem por meio do símbolo. Toda forma existente na esfera diversificada do ser é simbólica da atividade divina pela qual é produzida. Por meio de símbolos, os homens sempre procuraram comunicar uns aos outros os pensamentos que transcendem as limitações da linguagem. Rejeitando os dialetos concebidos pelo homem como inadequados e indignos de perpetuar as ideias divinas, os Mistérios escolheram assim o simbolismo como um método muito mais engenhoso e ideal de preservar seu conhecimento trans- scendental. Em uma única figura um símbolo pode revelar e ocultar, pois para os sábios o sujeito do símbolo é óbvio, enquanto para os ignorantes a figura permanece inescrutável. Portanto, aquele que procura desvendar a doutrina secreta da antiguidade deve procurá-la não nas páginas abertas dos livros que podem cair nas mãos dos indignos, mas no lugar onde ela foi originalmente ocultada.

Perspicazes eram os iniciados da antiguidade. Eles perceberam que as nações vêm e vão, que os impérios sobem e descem, e que as eras de ouro da arte, da ciência e do idealismo são sucedidas pela idade das trevas da superstição. Com as necessidades da posteridade acima de tudo, os sábios de outrora foram a extremos inconcebíveis para garantir que seus conhecimentos fossem preservados. Eles a gravaram na face das montanhas e a esconderam dentro das medidas de imagens colossais, cada uma das quais era uma maravilha geométrica. Seus conhecimentos de química e matemática eles se escondiam dentro de mitologias que os ignorantes perpetuariam, ou nos vãos e arcos de seus templos que o tempo não obliterou completamente. Escreveram em caracteres que nem o vandalismo dos homens nem a crueldade dos elementos poderiam apagar completamente, hoje os homens olham com admiração e reverência para os poderosos Memnons

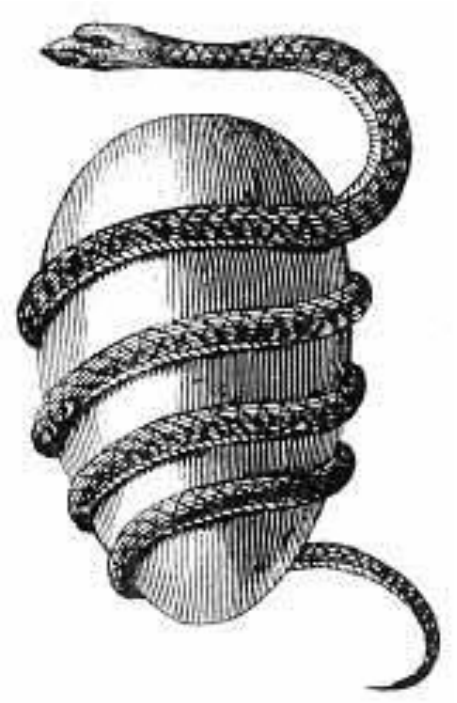
sozinho nas areias do Egito, ou sobre as estranhas pirâmides de Palanque. Testemunhos mudos são das artes e ciências perdidas da antiguidade; e oculto esse wis- dom deve permanecer até que esta raça tenha aprendido a ler a linguagem universal – SIMBOLISMO. O livro ao qual esta introdução é dedicado à proposição de que escondido dentro das figuras emblemáticas, alegorias e rituais dos antigos é uma doutrina secreta sobre os mistérios internos da vida, cuja doutrina foi preservada *in toto* entre um pequeno grupo de mentes iniciadas desde o início do mundo. Partindo, esses filósofos ilusórios deixaram sua forma para que outros também pudessem alcançar a compreensão. Mas, para que esses processos secretos não caiam em mãos incultas e sejam, o Grande Arcano sempre esteve escondido em símbolo ou alegoria; e aqueles que hoje podem descobrir suas chaves perdidas podem abrir com eles uma casa de tesouros de verdades filosóficas, científicas e religiosas.

O EGG ÓRFICO.

De Bryant's *Uma análise de*

Mitologia Antiga.

O antigo símbolo dos Mistérios Órficos era o ovo entrelaçado pela serpente, que significava Cos- mos como cercado pelo Espírito Criativo ardente. O ovo também representa a alma do filósofo; a serpente, os Mistérios. No momento da iniciação, a casca está quebrada. e o homem emerge do estado embrionário de existência física em que permaneceu durante o período fetal de philoregeneração sófica.



Os Antigos Mistérios e Sociedades Secretas

Que influenciaram o simbolismo maçônico moderno

Confrontados com um problema que envolve o uso das faculdades de raciocínio, os indivíduos de intelecto forte mantêm seu equilíbrio e procuram chegar a uma solução obtendo fatos que sustentem a questão. Os de imaturos a mentalidade, por outro lado, quando confrontada da mesma forma, é sobrecarregada. Enquanto os primeiros podem ser qualificados para resolver o enigma de seu próprio destino, os segundos devem ser conduzidos como um rebanho de ovelhas e ensinados em linguagem simples. Dependem quase inteiramente das ministrações do pastor. O apóstolo Paulo disse que esses pequenos devem ser alimentados com leite, mas que a carne é o alimento dos homens fortes. Leviandade é quase sinônimo de infantilidade, enquanto ponderação é símbolo de maturidade.

Há, no entanto, poucas mentes maduras no mundo, e foi assim que as doutrinas filosófico-religiosas dos pagãos foram divididas para atender às necessidades desses dois grupos fun- damentais do intelecto humano – um filosófico, o outro incapaz de apreciar os mistérios mais profundos da vida. Aos poucos perspicazes eram revelados os ensinamentos *esotéricos, ou* espirituais, enquanto aos desqualificados muitos recebiam apenas as interpretações literais, ou *exotéricas*. A fim de tornar simples as grandes verdades da Natureza e os princípios abstratos da lei natural, as forças vitais do universo foram personificadas, tornando-se os deuses e deusas das mitologias antigas. Enquanto as multidões ignorantes levavam suas oferendas aos altares de Príapo e Pã (divindades que representam as energias procriativas), os sábios reconheciam nessas estátuas de mármore apenas concreções simbólicas de grandes verdades abstratas.

Em todas as cidades do mundo antigo havia templos para adoração pública e oferendas. Na comunidade também havia filósofos e místicos, profundamente versados no folclore da Natureza. Esses indivíduos eram geralmente agrupados, formando escolas filosóficas e religiosas reclusas. O mais importante desses grupos era conhecido como os *Mistérios*. Muitas das grandes mentes da antiguidade foram iniciadas nessas fraternidades secretas por ritos estranhos e misteriosos, alguns dos quais eram extremamente cruéis. Alexander Wilder define os Mistérios como "Dramas sagrados realizados em períodos determinados. Os mais célebres foram os de Ísis, Sabázio, Cibele e Elêusis." Depois de serem admitidos, os iniciados foram instruídos na sabedoria secreta que havia sido preservada por séculos. Platão, um iniciado de uma dessas ordens sagradas, foi severamente criticado porque em seus escritos ele revelou ao público muitos dos princípios filosóficos secretos dos Mistérios.

Toda nação pagã tinha (e tem) não apenas sua religião estatal, mas outra na qual só os eleitos filosóficos ganharam entrada. Muitos desses cultos antigos desapareceram da terra sem revelar seus segredos, mas alguns sobreviveram ao teste das idades e seus

símbolos misteriosos ainda são preservados. Grande parte do ritualismo da Maçonaria baseia-se nas provações a que os candidatos eram submetidos pelos antigos hierofantes antes que as chaves da sabedoria lhes fossem confiadas.

Poucos se dão conta do quanto as antigas escolas secretas influenciaram os intelectos contemporâneos e, através dessas mentes, a posteridade. Robert Macoy, 33°, em sua *História Geral da Maçonaria*, presta uma magnífica homenagem ao papel desempenhado pelos antigos Mistérios na criação do edifício da cultura humana. Ele diz, em parte: "Parece que toda a perfeição da civilização e todo o avanço feito na filosofia, na ciência e na arte entre os antigos se devem àquelas instituições que, sob o véu do mistério, procuravam ilustrar as verdades mais sublimes da religião, da moral e da virtude, e imprimi-las no coração de seus discípulos. (...) Seu principal objetivo era ensinar a doutrina de um só Deus, a ressurreição do homem para a vida eterna, a dignidade da alma humana, e levar o povo a ver a sombra da divindade, na beleza, magnificência e esplendor do universo."

Com o declínio da virtude, que precedeu a destruição de todas as nações de sua natureza, os Mistérios tornaram-se. A feitiçaria tomou o lugar da magia divina. Práticas indescritíveis (como a Bacchanalia) foram introduzidas, e a perversão reinou suprema; pois nenhuma instituição pode ser melhor do que os membros que a compõem. Desesperados, os poucos que eram verdadeiros procuraram preservar as doutrinas secretas do esquecimento. Em alguns casos conseguiram, mas mais frequentemente o arcano foi perdido e apenas a casca vazia dos Mistérios permaneceu.

Thomas Taylor escreveu: "O homem é naturalmente um animal religioso". Desde os primórdios de sua consciência, o homem adorou e reverenciou *as coisas* como símbolo da Coisa invisível, onipresente, indescritível, a respeito da qual ele não poderia descobrir praticamente nada. Os Mistérios pagãos se opuseram aos cristãos durante os primeiros séculos de sua igreja, declarando que a nova fé (cristianismo) não exigia virtude e integ- ridade como requisitos para a salvação. Celso se manifestou sobre o assunto nos seguintes termos cáusticos:

> "Que eu não acuse, porém, os cristãos mais amargamente do que a verdade obriga, pode-se conjecturar daí que os clamores que chamam os homens a outros mistérios proclamem o seguinte: 'Aproxime-se de quem é puro e de quem as palavras são sábias'. E novamente, outros proclamam: "Aproxime-se aquele que é puro de toda maldade, cuja alma não tem consciência de nenhum mal e que leva uma vida justa e reta". E estas coisas são proclamadas por aqueles que prometem uma purificação do erro. Ouçamos agora quem são aqueles que são chamados aos mistérios cristãos: quem é pecador, quem é imprudente, quem é tolo e quem, em suma, é miserável, receberá o reino de Deus. Não chamais, pois, um pecador, um homem injusto, um ladrão, um destruidor de casas, um bruxo, um sacrílego e um ladrão de sepulcros? Que outras pessoas o chorador indicaria, que deveriam chamar os ladrões juntos?"

Não foi a verdadeira fé dos primeiros místicos cristãos que Celso atacou, mas as formas falsas que estavam se infiltrando mesmo durante sua época. Os ideais do cristianismo primitivo foram baseados

sobre os altos padrões morais dos Mistérios pagãos, e os primeiros cristãos que se reuniram sob a cidade de Roma usaram como seus locais de culto os templos subterrâneos de Mithras, de cujo culto foi emprestado grande parte do sacerdotalismo da igreja moderna. Os filósofos antigos acreditavam que nenhum homem poderia viver inteligentemente se não tivesse um conhecimento fundamental da Natureza e de suas leis. Antes que o homem possa obedecer, ele deve desmedir, e os Mistérios foram dedicados a instruir o homem a respeito do funcionamento da lei divina na esfera terrestre. Poucos dos primeiros cultos realmente adoravam divindades antropomórficas, embora seu simbolismo possa levar alguém a acreditar que sim. Eram mais mor- alistas do que religiosos; filosófico e não teológico. Eles ensinaram o homem a usar suas faculdades de forma mais inteligente, a ser paciente diante das adversidades, a ser corajoso quando confrontado com o perigo, a ser verdadeiro em meio à tentação e, acima de tudo, a ver a vida como o sacrifício mais aceitável para Deus, e seu corpo como um altar sagrado para a Deidade.



UM HIEROFANTE FEMININO DOS MISTÉRIOS.

Das Antiguidades de Montfaucon.

Esta ilustração mostra Cibele, aqui chamada de Deusa Síria, nas vestes de um hierofante. Montfaucon descreve a figura da seguinte forma: "Sobre sua cabeça está uma mitra episcopal, adornada na parte inferior com torres e pináculos; sobre o portão da cidade é uma crescente, e beneath do circuito das muralhas uma coroa de raios. A Deusa usa uma espécie de surplice, exatamente como a sobreplice de um sacerdote ou bispo; e sobre o surplice uma túnica, que cai sobre as pernas; e, acima de tudo, uma copa episcopal, com os doze signos do Zodíaco forjados sobre os borders. A figura tem um leão de cada lado, e segura em sua mão esquerda um tímpano, um sistrum, um distaff, um caduceu e outro instrumento. Na mão direita segura com o dedo médio um raio, e sobre os mesmos animais, insetos e, até onde podemos adivinhar, flores, frutas, um arco, uma aljava, uma tocha e uma foice." O paradeiro da estátua é desconhecido, sendo a cópia reproduzida por Montfaucon a partir de desenhos de Pirro Ligorio.

A adoração ao Sol desempenhou um papel importante em quase todos os primeiros Mistérios pagãos. Isso indica a probabilidade de sua origem atlante, pois o povo de Atlântida era um grande embarcador. A Divindade Solar era geralmente personificada como uma bela juventude, com longos cabelos dourados para simbolizar os raios do sol. Este Deus Sol dourado foi morto por rufiões perversos, que personificaram o princípio maligno do universo. Por meio de certos rituais e cerimônias, símbolos de purificação e regeneração, este maravilhoso Deus do Bem foi trazido

voltou à vida e tornou-se o Salvador de Seu povo. Os processos secretos pelos quais Ele ressuscitou simbolizaram aquelas culturas por meio das quais o homem é capaz de superar sua natureza inferior, dominar seus apetites e dar expressão ao lado superior de si mesmo. Os Mistérios foram organizados com o propósito de ajudar a criatura humana em luta a despertar os poderes espirituais que, cercados pelo anel flamejante de luxúria e degeneração, adormeciam dentro de sua alma. Em outras palavras, foi oferecida ao homem uma maneira pela qual ele poderia recuperar seu patrimônio perdido. (Veja o de Wagner *Siegfried*.)

No mundo antigo, quase todas as sociedades secretas eram filosóficas e religiosas. Durante os séculos medievais, eles foram principalmente religiosos e políticos, embora algumas escolas filosóficas tenham permanecido. Nos tempos modernos, as sociedades secretas, nos países ocidentais, são em grande parte políticas ou fraternas, embora em algumas delas, como na maçonaria, os antigos princípios religiosos e filosóficos ainda sobrevivam.

O espaço proíbe uma discussão detalhada das escolas secretas. Havia literalmente dezenas desses cultos antigos, com ramificações em todas as partes dos mundos oriental e ocidental. Alguns, como os de Pitágoras e os hermetistas, mostram uma influência oriental decidida, enquanto os rosacruzes, de acordo com suas próprias proclamações, ganharam muito de sua sabedoria dos místicos árabes. Embora as escolas de Mistério sejam geralmente associadas à civilização, há evidências de que os povos mais incivilizados da pré-história tinham um conhecimento delas. Nativos de ilhas distantes, muitos nas formas mais baixas de selvageria, têm rituais místicos e práticas secretas que, embora primitivas, são de um tom maçônico decidido.

OS MISTÉRIOS DRUÍDICOS DA GRÃ-BRETANHA E DA GÁLIA

> "Os habitantes originais e primitivos da Grã-Bretanha, em algum período remoto, reviveram e reformaram seus institutos nacionais. Seu sacerdote, ou instrutor, até então era simplesmente chamado de Gwydd, mas considerou-se necessário dividir esse ofício entre o sacerdote nacional, ou superior, e outro cuja influência [seria] mais limitada. A partir de então, o primeiro tornou-se Der-Wydd (Druida), ou instrutor superior, e [o segundo] Go-Wydd, ou O-Vydd (Ovate), instrutor subordenado; e ambos atendiam pelo nome geral de Beirdd (Bardos), ou ensinadores de sabedoria. À medida que o sistema amadureceu e aumentou, a Ordem Bardic consistia em três classes, os Druidas, Beirdd Braint, ou Bardos privilegiados, e Ovates." (Ver Samuel Meyrick e Charles Smith, *O Traje dos Habitantes Originais das Ilhas Britânicas*.)

A origem da palavra *Druida* está sob disputa. Max Müller acredita que, como a palavra irlandesa *Drui*, significa "os homens dos carvalhos". Ele ainda chama a atenção para o fato de que os deuses da floresta e divindades das árvores dos gregos eram chamados de *dryades*. Alguns acreditam que a palavra seja de origem teutônica; outros atribuem-no aos galeses. Alguns o rastreiam até o *druidh gaélico*, que significa "um homem sábio" ou "um feiticeiro". Em sânscrito, a palavra *dru* significa "madeira".

Na época da conquista romana, os druidas estavam completamente enclausurados na Grã-Bretanha e na Gália. Seu poder sobre o povo era inquestionável, e houve casos em que exércitos, prestes a atacar uns aos outros, embainharam suas espadas quando ordenados a fazê-lo por

os druidas de vestes brancas. Nenhum empreendimento de grande importância foi disperso sem a as- sistance desses patriarcas, que se colocavam como mediadores entre os deuses e os homens. A Ordem Dru- ídica é merecidamente creditada por ter tido um profundo conhecimento da Natureza e de suas leis. A *Encyclopædia Britannica* afirma que geografia, ciências físicas, teologia natural e astrologia eram seus estudos favoritos. Os druidas tinham um conhecimento fundamental da medicina, especialmente o uso de ervas e *simples*. Instrumentos cirúrgicos brutos também foram encontrados na Inglaterra e Irlanda. Um estranho tratado sobre a medicina britânica primitiva afirma que todo praticante deveria ter um jardim ou quintal para o cultivo de certas ervas necessárias à sua profissão. Eliphas Levi, o célebre transcendentalista, faz a seguinte afirmação significativa:

> "Os druidas eram sacerdotes e médicos, curando por magnetismo e carregando amilas com sua influência fluídica. Seus remédios universais eram visco e ovos de serpentes, porque essas substâncias atraem a luz astral de maneira especial. A solenidade com que o visco foi cortado atraiu sobre esta planta a confiança popular e a tornou poderosamente magnética. (...) O progresso do magnetismo um dia nos revelará as propriedades absorventes do visco. Entenderemos, então, o segredo daqueles crescimentos esponjosos que tiraram as virtudes inutilizadas das plantas e se sobrecarregaram de tinturas e sabores. Cogumelos, trufas, fel nas árvores e os diferentes tipos de visco serão empregados com compreensão por uma ciência médica, que será nova porque é velha (...) mas não se deve avançar mais rápido do que a ciência, que recua para que possa avançar ainda mais. (Ver *A História da Magia*.)

Não só o visco era sagrado como símbolo da medicina universal, ou panaceia, mas também pelo fato de que ele crescia sobre o carvalho. Através do símbolo do carvalho, os druidas adoravam a Divindade Suprema; portanto, qualquer coisa que crescesse sobre aquela árvore era sagrada para Ele. Em certas estações, de acordo com as posições do sol, da lua e das estrelas, o Arqui-Druida escalava o carvalho e cortava o visco com uma foice dourada para esse serviço. O crescimento parasitário foi capturado em panos brancos fornecidos para o efeito, para que não tocasse a terra e fosse poluído por vibrações terrestres. Normalmente, um sacrifício de um touro branco era feito sob a árvore.

Os druidas eram iniciados de uma escola secreta que existia em seu meio. Esta escola, que se assemelhava muito aos Mistérios Báquicos e Eleusinos da Grécia ou aos ritos egípcios de Ísis e Osíris, é justamente designada de Mistérios *Druídicos*. Tem havido muita especulação sobre a sabedoria secreta que os druidas alegavam possuir. Seus ensinamentos secretos nunca foram escritos, mas foram comunicados oralmente a candi- datas especialmente preparadas. Robert Brown, 32°, é da opinião de que os sacerdotes britânicos obtiveram sua informação dos navegadores tirianos e fênicos que, milhares de anos antes da Era Cristã, estabeleceram colônias na Grã-Bretanha e na Gália enquanto procuravam estanho. Thomas Maurice, em suas *Antiguidades Indianas*, discorre longamente sobre as expe- dições fênicas, cartaginesas e gregas para as Ilhas Britânicas com o propósito de adquirir estanho. Outros são da opinião de que os Mistérios celebrados pelos druidas eram de origem oriental, possivelmente budista.

A proximidade das Ilhas Britânicas com a Atlântida perdida pode explicar o culto ao sol, que desempenha um papel importante nos rituais do druidismo. De acordo com Artemidoro, Ceres e Perséfone eram adoradas em uma ilha próxima à Grã-Bretanha com ritos e cerimônias semelhantes aos de Samotrácia. Não há dúvida de que o Panteão Druídico inclui um grande número de divindades gregas e romanas. Isso surpreendeu muito César durante sua conquista da Grã-Bretanha e da Gália, e fez com que ele afirmasse que essas tribos adoravam Mercúrio, Apolo, Marte e Júpiter, em um homem semelhante ao dos países latinos. É quase certo que os Mistérios Druídicos não eram nativos da Grã-Bretanha ou da Gália, mas migraram de uma das civilizações mais antigas.

A escola dos druidas foi dividida em três partes distintas, e os ensinamentos secretos nela incorporados são praticamente os mesmos que os mistérios escondidos sob as alegorias da Maçonaria da Loja Azul. A mais baixa das três divisões foi a de Ovate (Ovydd). Este era um diploma honorário, não exigindo nenhuma purificação ou preparação especial. Os Ovates vestiam-se de verde, a cor druídica do aprendizado, e esperava-se que soubessem algo sobre medicina, astronomia, poesia, se possível, e às vezes música. Um Ovate foi um indivíduo admitido na Ordem Druídica por causa de sua excelência geral e conhecimento superior sobre os problemas da vida.

A segunda divisão era a de Bard (Beirdd). Seus membros estavam vestidos de azul-celeste, para representar a harmonia e a verdade, e a eles foi atribuído o trabalho de memorizar, pelo menos em parte, os vinte mil versos da poesia sagrada druídica. Eles eram frequentemente retratados com a primitiva harpa britânica ou irlandesa – um instrumento amarrado com cabelo humano, e com tantas cordas quanto havia costelas em um lado do corpo humano. Esses Bardos eram frequentemente escolhidos como professores de candidatos que buscavam entrar nos Mistérios Druídicos. Os neófitos usavam vestes listradas de azul, verde e branco, sendo estas as três cores sagradas da Ordem Druídica.

A terceira divisão era a de Druida (Derwyddon). Seu trabalho particular era ministrar às necessidades religiosas do povo. Para alcançar essa dignidade, o candidato deve primeiro se tornar um Bardo Braint. Os druidas sempre se vestiam de branco – símbolo de sua pureza e da cor usada por eles para simbolizar o sol.

Para alcançar a posição exaltada de *Arqui-Druida*, ou chefe espiritual da organização, era necessário que um sacerdote passasse pelos seis graus sucessivos da Ordem Druídica. (Os membros dos diferentes graus eram diferenciados pelas cores de suas faixas, pois todos usavam vestes de branco.) Alguns escritores são da opinião de que o título de *Arqui-Druida* era hereditário, descendendo de pai para filho, mas é mais provável que a honra tenha sido conferida por eleição de cédula. Seu destinatário foi escolhido por suas virtudes e integridade entre os membros mais instruídos dos graus druídicos superiores.

De acordo com James Gardner, havia geralmente dois *arco-druidas* na Grã-Bretanha, um tapume na Ilha de Anglesea e outro na Ilha de Man. Esses dignitários geralmente carregavam cetros de ouro e eram coroados com coroas de folhas de carvalho, simbolizando sua autoridade. Os membros mais jovens da Ordem Druídica eram barbeados e modestamente vestidos, mas os mais velhos tinham longas barbas grisalhas e usavam magníficos ornamentos dourados. O sistema educacional dos druidas na Grã-Bretanha era superior ao de seus colegas no continente e, consequentemente, muitos dos

Jovens gauleses foram enviados para os colégios druídicos na Grã-Bretanha para sua instrução filosófica e treinamento.



O ARCO-DRUIDA

EM SUAS VESTES CERIMONIAIS.

Da Medicina Címrica Antiga *de Wellcome*.

O adorno mais marcante do Arqui-Druida era o *iodhan moran,* ou couraça de julgamento, que possuía o misterioso Poder de estrangular qualquer um que fizesse uma declaração falsa enquanto o usava. Godfrey Higgins afirma que essa couraça foi colocada no pescoço das testemunhas para testar a veracidade de suas provas. O ti- ara druídico, ou *anguinum*, sua frente gravada com um número de pontos para representar os raios solares, indicava que o sacerdote era uma personificação do sol nascente. Na frente de seu cinto, o Arqui-Druida usava o *liath meisicith* – um broche mágico, ou fivela

no centro do qual havia uma grande pedra branca. A isso foi atribuído o poder de tirar o fogo dos deuses do céu a mando do sacerdote Esta pedra especialmente cortada era um vidro ardente, pelo qual os raios do sol se concentravam para acender as fogueiras do altar. Os druidas também tinham outros implementos simbólicos, como o peculiar

moldaram a foice dourada com a qual cortaram o visco do carvalho, e o *cornan,* ou cetro, na forma de uma crescente, símbolo do sexto dia da lua crescente e também da Arca de Noé. Um dos primeiros iniciados dos Mistérios Druídicos relatou que a admissão para sua cerimônia da meia-noite foi obtida por meio de um barco de vidro, chamado *Cwrwg Gwydrin*. Este barco simbolizava a lua, que, flutuando sobre as águas da eternidade, preservou as sementes dos seres vivos dentro de seu crescente flutuante.

Eliphas Levi afirma que os druidas viviam em estrita abstinência, estudavam as ciências naturais, preservavam o mais profundo sigilo e só admitiam novos membros após longos períodos de experiência. Muitos dos sacerdotes da ordem viviam em edifícios não muito diferentes dos mosteiros do mundo moderno. Eles estavam associados em grupos como os ascetas do Extremo Oriente. Embora o celibato não lhes fosse exigido, poucos se casaram. Muitos dos druidas se retiraram do mundo e viveram como reclusos em cavernas, em casas de pedra bruta ou em pequenos barracos construídos nas profundezas de uma floresta. Aqui rezavam e medicavam, surgindo apenas para cumprir seus deveres religiosos.

James Freeman Clarke, em suas *Dez Grandes Religiões,* descreve as crenças dos druidas da seguinte forma: "Os druidas acreditavam em três mundos e na transmigração de um para o outro: Em um mundo acima deste, no qual a felicidade predominava; um mundo abaixo, de miséria; e este estado atual. Essa transmigração era para punir e recompensar e também para purificar a alma. No mundo atual, disseram eles, o Bem e o Mal são tão exatamente equilibrados que o homem tem a máxima liberdade e é capaz de escolher ou rejeitar qualquer um deles. As Tríades Galesas nos dizem que existem três objetos da metempsicose: coletar na alma as propriedades de todo ser, adquirir um conhecimento de todas as coisas e obter poder para vencer o mal. Há também, eles